



**MECANISMO DE DESENVOLVIMENTO LIMPO  
FORMULÁRIO DO DOCUMENTO DE CONCEPÇÃO DE PROJETO (DCP-MDL)  
(Versão 02 – válida a partir de: 01 de julho de 2004)**

**SUMÁRIO**

- A. Descrição geral da atividade de projeto
- B. Aplicação de uma metodologia de linha de base
- C. Duração da atividade do projeto/ Período de obtenção de créditos
- D. Aplicação de uma metodologia e de um plano de monitoramento
- E. Estimativa de emissões de gases de efeito estufa por fontes
- F. Impactos ambientais
- G. Comentários dos atores

**Anexos**

Anexo 1: Dados para contato dos participantes da atividade de projeto

Anexo 2: Informações sobre financiamento público

Anexo 3: Informações de linha de base

Anexo 4: Plano de monitoramento



**SEÇÃO A. Descrição geral da atividade de projeto.**

**A.1 Título da atividade de projeto:**

Projeto de Cogeração com Bagaço Usinas Caeté Sudeste (PCBUCSE).

Versão 2.

Data do documento: 7 de Dezembro de 2005.

**A.2. Descrição da atividade de projeto:**

O Projeto de Cogeração com Bagaço Usinas Caeté Sudeste (PCBUCSE) corresponde a duas usinas de açúcar e álcool Caeté, do Grupo Carlos Lyra no Brasil. As duas unidades selecionadas são: **Usina Caeté S/A – Unidade Delta** (filial Delta) e **Usina Caeté S/A – Unidade Volta Grande** (filial Volta Grande). Então, esse projeto chamado Projeto de Cogeração com Bagaço Usinas Caeté Sudeste (PCBUCSE) é a unificação do Projeto de Cogeração com Bagaço Delta (PCBD) e Projeto de Cogeração com Bagaço Volta Grande (PCBVG).

Esta atividade de projeto consiste no aumento da eficiência das unidades de cogeração com bagaço (uma fonte renovável de energia, resíduo do processamento de cana-de-açúcar) das duas usinas de açúcar brasileiras Caeté Sudeste. Com a implantação deste projeto, as usinas são capazes de vender eletricidade à rede nacional, evitando que usinas térmicas geradoras de energia por combustível fóssil despachem essa quantidade de energia para a rede. Portanto, a iniciativa evita emissões de CO<sub>2</sub> e contribui para o desenvolvimento sustentável regional e nacional.

Usina Caeté S/A (Delta e Volta Grande) são usinas de cana-de-açúcar do Grupo Carlos Lyra, uma empresa privada brasileira. A usina Delta, localizada em Delta no “Triângulo Mineiro”, região no estado de Minas Gerais (MG), é a mais recente usina de açúcar e álcool do Grupo Carlos Lyra. Usina Volta Grande, localizada em Conceição das Alagoas, é a primeira usina do Grupo localizada fora da região nordeste do Brasil. Ela entrou em operação em Maio de 1996. Ambas usinas estão localizadas no estado de Minas Gerais (MG), na região sudeste do Brasil.

Os investidores da PCBUCSE estão convencidos que a cogeração com bagaço é uma fonte sustentável de energia que traz não apenas vantagens pela mitigação de aquecimento global, mas também cria uma vantagem competitiva sustentável para a produção agrícola na indústria de cana-de-açúcar no Brasil. Usando os recursos naturais disponíveis de uma forma mais eficiente, a atividade de projeto Caeté ajuda a aumentar o consumo de energia renovável. Apesar disso, a viabilidade da geração de eletricidade é comum, sendo um negócio secundário de receita para a indústria de açúcar. É merecedor de se destacar que mais de 320 usinas de açúcar no Brasil, a grande maioria, produz energia para uso no próprio local apenas, o que é principalmente devido à baixa eficiência dos equipamentos de cogeração instalados nas usinas de açúcar.

Além disso, a cogeração com bagaço atua como um importante mecanismo para o desenvolvimento econômico do país, já que a indústria de cana-de-açúcar do Brasil gera aproximadamente um milhão de empregos e representa um dos maiores produtos do agronegócio dentro do balanço comercial do país. Além disso, atividades de projeto com bagaço contribuem para o modelo competitivo do setor elétrico brasileiro.



Cogeração com bagaço é importante para a estratégia energética do país. Cogeração é uma alternativa que permite postergar a instalação e/ou despacho de eletricidade produzida por unidades de geração com combustível fóssil. A venda das RCEs geradas pelo projeto incentivará a atratividade dos projetos de cogeração com bagaço, ajudando a aumentar a produção de energia e diminuir a dependência de combustível fóssil

### **Contribuição da Atividade de Projeto para o desenvolvimento sustentável:**

As duas usinas Caeté do Sudeste do Grupo Carlos Lyra, também acreditam que o desenvolvimento sustentável será atingido não apenas com a implantação de unidades de produção de energia renovável, mas também promovendo atividades que correspondam com as responsabilidades social e ambiental da empresa, como descritas abaixo:

#### **a) Contribuição para a sustentabilidade ambiental local:**

Poupar o meio-ambiente também é um objetivo do Grupo Carlos Lyra. Abaixo uma lista de algumas ações ambientais desenvolvidas pelas duas usinas de açúcar do sudeste Caeté é apresentada:

- Programas de apresentações de boas práticas ambientais;
- Parcerias com IEF – Instituto Estadual de Floresta;
- Atividade de plantação de árvores assistida pela IEF;
- Controle biológico de pragas;
- Circuito fechado de água para reuso da água dentro do processo industrial;
- Utilização da vinhaça como fertilizante orgânico evitando composto químico.

Além disso, as usinas Caeté do Grupo Carlos Lyra, desenvolvem diversas iniciativas ambientais, tais como a criação de uma Reserva Particular de Patrimônio Natural onde reflorestamento (incluindo a plantação de milhares de espécies nativas), programas de preservação e meio-ambiente são aplicados.

É importante enfatizar que com a possibilidade de considerar retornos futuros da venda de RCEs originados do projeto de reflorestamento, então uma expansão ou mesmo um melhoramento de seus programas de reflorestamento, preservação e meio ambiente poderiam ocorrer pelo desenvolvimento de outro projeto específico de reflorestamento/aflorestamento de MDL.

#### **b) Contribuição para a melhoria das condições de trabalho e criação de empregos:**

Os esforços de aplicação de recursos em projetos que resultem na qualidade de vida dos empregados e moradores locais sempre foram uma prioridade para o Grupo Carlos Lyra, especialmente para as usinas Delta e Volta Grande.

As duas usinas Caeté sudeste, Delta e Volta Grande, também investem nas áreas de segurança e cuidados de saúde de seus funcionários.

##### *Investimentos na área de segurança dos funcionários:*

- Qualificação profissional de seus colaboradores: através de treinamentos específicos e modificações de processo;
- Programa de Proteção respiratória;
- Programa de proteção de riscos ambientais;



- Programa de controle de ruídos.

Investimentos na área de cuidados de saúde:

- Campanhas diversas contra alguns tipos de doenças, diabetes, controle de colesterol e AIDS;
- Programa de doação de sangue;
- Atividades físicas para empregados da usina.

A implantação do Projeto de Cogeração com Bagaço Usinas Caeté Sudeste (PCBUCSE), nas usinas Delta e Volta Grande, aumentou o número de funcionários temporários e permanentes.

#### **c) Contribuição para a geração de renda:**

O PCBUCSE possibilitou a criação de uma nova opção de renda através da venda de eletricidade em adição ao retorno de RCEs, assegurando uma maior sustentabilidade financeira e energética, contribuindo para expansão da produção de açúcar e álcool e também para expansão do cultivo da cana-de-açúcar, permitindo conseqüentemente, a criação de novas oportunidades de emprego durante o período de colheita de cana-de-açúcar, assim como, para operação dos processos industriais.

#### **d) Contribuição para a construção de capacidade tecnológica:**

O setor de açúcar e álcool sempre explorou biomassa (bagaço) de forma ineficiente, utilizando caldeiras de baixa pressão, consideradas como uma tecnologia de operação e manutenção simples. Apesar de consumirem quase todo o seu bagaço na geração de energia para uso próprio, a produção é feita de tal maneira que não há energia excedente disponível para venda. Mas investimentos feitos para uma tecnologia mais eficiente, tais como caldeiras de maior pressão, permitiram às indústrias do setor de açúcar e álcool aumentar suas capacidades instaladas e a quantidade de eletricidade disponível para venda.

Informações mais detalhadas sobre a tecnologia a ser empregada pela atividade de projeto são fornecidas na seção A.4.3 desse documento.

#### **e) Contribuição para integração regional e cooperação entre os outros setores:**

A criação de novas oportunidades para o setor de açúcar e álcool, através do projeto de cogeração com bagaço para geração de eletricidade e venda em adição aos retornos de RCEs, permitiram uma maior interação entre os setores de cana-de-açúcar e energia brasileiros.

#### **A.3. Participantes do projeto:**

<b>Nome da Parte envolvida (*) ((anfitriã) indica uma Parte anfitriã)</b>	<b>Participantes de projeto entidade(s) privada e/ou pública (*) (conforme aplicável)</b>	<b>Indique gentilmente se a Parte envolvida deseja ser considerada como participante do projeto (Sim/Não)</b>
Brasil (anfitriã)	Usina Caeté S/A – Unidade Delta (entidade privada brasileira) Usina Caeté S/A – Unidade Volta	Não



	Grande (entidade privada brasileira)  Econergy Brasil Ltda. (entidade privada brasileira).	
(*) De acordo com as modalidades e procedimentos de MDL, no momento de tornar o DCP-MDL público no estágio da validação, uma Parte envolvida deve ou não ter fornecido sua aprovação. No momento de requisição do registro, a aprovação da(s) Parte(s) envolvida (s) é necessária.		

**A.4. Descrição técnica da atividade de projeto:**

**A.4.1. Local da atividade de projeto:**

**A.4.1.1. Parte(s) Anfitriã(s):**

Brasil.

**A.4.1.2. Região/Estado etc.:**

Minas Gerais.

**A.4.1.3. Cidade/Comunidade etc.:**

**Usina Caeté S/A – Unidade Delta** (filial Delta) está localizada em Delta – Estado de Minas Gerais;  
**Usina Caeté S/A – Unidade Volta Grande** (filial Volta Grande) está localizada em Conceição das Alagoas – Estado de Minas Gerais.

**A.4.1.4. Detalhes sobre a localização física, inclusive informações que permitam a identificação única dessa atividade de projeto (máximo de uma página):**

A Usina Caeté S/A – Unidade Delta (filial Delta) localiza-se no número 750 da Av. José Agostinho Filho, na cidade Delta, na região do “Triângulo Mineiro” no oeste do Estado de Minas Gerais, a cerca de 500 km da capital do estado, Belo Horizonte. A Usina Caeté S/A – Unidade Volta Grande (filial Volta Grande) localiza-se no km 43 da Rodovia MG-427, na cidade Conceição das Alagoas, na região do “Triângulo Mineiro” no oeste do estado de Minas Gerais, a cerca de 600 km da capital do estado, Belo Horizonte. Ambas usinas estão indicadas na Figura 1.



Figura 1: Posição geográfica das cidades de Delta e Conceição das Alagoas

**A.4.2. Categoria(s) da atividade de projeto:**

Escopo setorial: 1 – Indústria de energia (fontes renováveis - / não renováveis)

**A.4.3. Tecnologia a ser empregada pela atividade de projeto:**

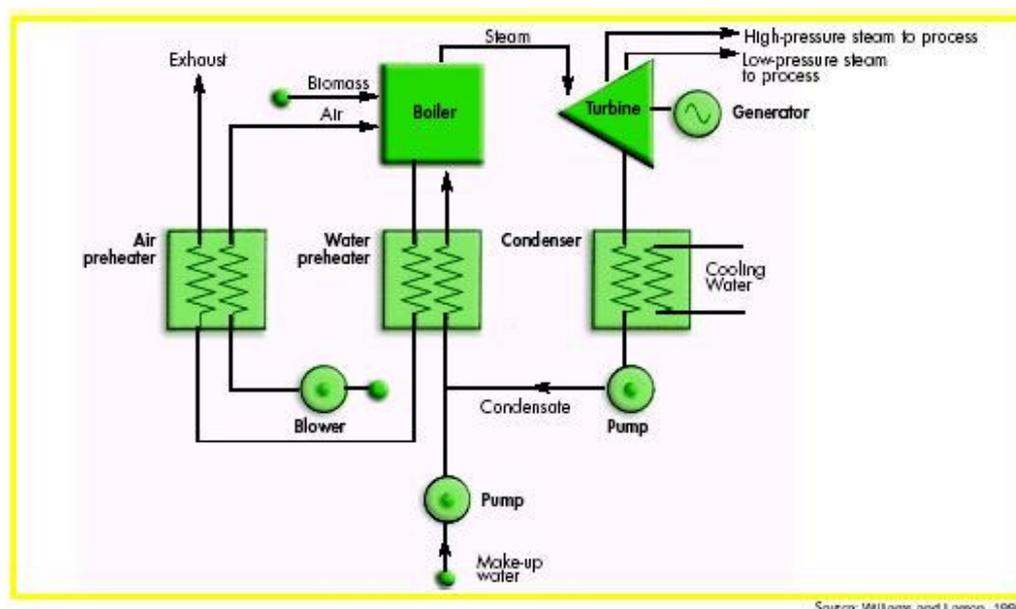
A tecnologia predominante em todo o mundo, atualmente, para a geração de eletricidade (MW) a partir de biomassa é o ciclo Rankine, que consiste na combustão direta de biomassa em uma caldeira para gerar vapor, o qual se expande numa turbina. A maioria das geradoras de ciclo a vapor está localizada em áreas industriais, onde o vapor residual da turbina é recuperado e usado para atender a demandas locais de calor de processo. Tais sistemas de geração combinada de calor e eletricidade, ou sistemas de cogeração fornecem níveis maiores de energia por unidade de biomassa consumida do que sistemas que produzem eletricidade apenas.

O ciclo de vapor Rankine envolve a evaporação de água pressurizada, com o vapor resultante expandindo para girar um turbo gerador, e então condensado para reciclagem total ou parcial na caldeira. Um trocador de calor é usado em alguns casos para recuperar calor de gases residuais para o pré-aquecimento do ar de combustão, e um desaerador deve ser utilizado para remover da água o oxigênio dissolvido antes que ela entre na caldeira.

Turbinas a vapor são projetadas ou como contrapressão, ou como condensação. Aplicações de cogeração empregam tipicamente turbinas de contrapressão, nas quais o vapor expande até uma pressão substancialmente superior à pressão ambiente. Ele deixa a turbina ainda como vapor e é enviado para satisfazer necessidades de calor no parque industrial, onde é condensado. Retorna, então, total ou parcialmente à caldeira. Alternativamente, se as necessidades de vapor do processo podem ser supridas utilizando-se apenas parte do vapor disponível, uma turbina do tipo extração-condensação pode ser utilizada. Este projeto inclui a capacidade de algum vapor ser extraído em um ou mais pontos no caminho de expansão para atender necessidades do processo (Figura 2). Vapor não-extraído continua a expandir a pressões sub-atmosféricas, incrementando, dessa forma, a quantidade de eletricidade gerada por unidade



de vapor, comparada à turbina de contrapressão. O vapor não extraído é convertido em água num condensador que utiliza ar ambiente ou uma fonte de água fria como agente resfriador<sup>1</sup>.



**Figura 2: Diagrama esquemático de um ciclo de vapor Rankine para cogeração usando uma turbina de extração-condensação**

O ciclo de vapor Rankine usa diferentes concepções de caldeiras, dependendo da escala da unidade e das características do combustível utilizado. A pressão e a temperatura iniciais do vapor, juntamente com a pressão a que ele é expandido, determinam a quantidade de eletricidade que pode ser gerada por massa de vapor. Em geral, quanto maior a pressão e temperatura do vapor, mais sofisticado, eficiente e caro o ciclo.

Usando o ciclo de vapor Rankine como a tecnologia básica de seu sistema de cogeração, para iniciar suas atividades e alcançar um aumento no excedente de eletricidade a ser gerada, as duas usinas da Caeté (Delta e Volta Grande) desenvolveu essa atividade de projeto (PCBUCSE).

Então, dois PPAs (“Power Purchase Agreements”- Contratos de Compra e Venda de Energia) foram assinados. O primeiro foi firmado com a CEMIG (de 4 de Março de 2002 a 31 de Dezembro de 2014) e o segundo com ELETROBRÁS (de 28 de Dezembro de 2004 a 26 de Agosto de 2026) através do PROINFA (Programa de incentivo de fontes de energia renovável). O primeiro PPA considera uma quantidade total de energia gerada por ambas usinas (Delta e Volta Grande) que será vendida para CEMIG. Então, o ano do início do incremento de geração elétrica e disponível para venda para ambas usinas, assim como a implantação dessa atividade de projeto (PCBUCSE) foi 2002. Além do mais, um segundo PPA considera o total de geração de energia elétrica apenas da usina Volta Grande, que será vendida para ELETROBRÁS até 2026.

O projeto Delta está dividido em duas fases: Fase 1 (2002) e Fase 2 (2003). Esse projeto consiste da instalação de uma nova caldeira de 42 bar, na Fase 1 (2002), atingindo uma capacidade total disponível

<sup>1</sup> Williams & Larson, 1993 e Kartha & Larson, 2000, p.101



de 5 MW para venda. Na Fase 2 (2003), um turbo-gerador de condensação de 15 MW foi instalado, a fim de obter-se uma capacidade total de 11,5 MW para venda.

A tabela abaixo mostra quando e com quais equipamentos o projeto Delta ocorre:

**Tabela 1: Implantação da atividade de projeto Delta para cogeração**

<b>DELTA</b>	<b>ATIVO / ATIVANDO</b>	
<b>Antes do Plano de expansão</b>  (2001)	<b>Um turbo gerador de contrapressão de 15 MW</b>	
	<b>Duas caldeiras de 21 kgf/cm<sup>2</sup></b>	
<b>Fase 1</b>  (2002)	<b>Um turbo gerador de contrapressão de 15 MW</b>	
	<b>Uma caldeira de 42 kgf/cm<sup>2</sup></b>	<b>Duas caldeiras de 21 kgf/cm<sup>2</sup></b>
<b>Fase 2</b>  (2003)	<b>Um turbo gerador de condensação de 15 MW</b>	<b>Um turbo gerador de contrapressão de 15 MW</b>
	<b>Uma caldeira de 42 kgf/cm<sup>2</sup></b>	<b>Duas caldeiras de 21 kgf/cm<sup>2</sup></b>

O projeto Volta Grande está também dividido em duas fases: fase 1 (2003) e fase 2 (2006). Esse projeto consiste da instalação de um novo turbo-gerador de contrapressão de 16 MW, na fase 1 (2003), alcançando uma capacidade de 9 MW disponível para venda. Na fase 2 (2006), um turbo gerador de contrapressão de 30 MW e uma nova caldeira de 65 bar será instalada, a fim de alcançar um total de 34 MW disponível para venda. Mas, é importante destacar que 2002 é o ano considerado para o início do projeto de Volta Grande, quando a usina alcançou um total de 3 MW de capacidade disponível para venda para CEMIG, através do PPA, com explicado anteriormente.

A tabela abaixo mostra quando e com quais equipamentos o projeto Volta Grande ocorre:

**Tabela 2: Implantação da atividade de projeto Volta Grande para cogeração**

<b>VOLTA GRANDE</b>	<b>ATIVO / ATIVANDO</b>		
<b>Antes do plano de expansão</b>  (2002)	<b>Um turbo-gerador de contrapressão de 9 MW</b>		
	<b>Uma caldeira de 21 kgf/cm<sup>2</sup></b>	<b>Um caldeira de 42 kgf/cm<sup>2</sup></b>	



Fase 1 (2003)	Um turbo gerador de condensação de 16 MW	Um turbo gerador de contrapressão de 9 MW	
	Uma caldeira de 21 kgf/cm <sup>2</sup>	Uma caldeira de 42 kgf/cm <sup>2</sup>	
Fase 2 (2006)	Um turbo gerador de contrapressão de 30 MW	Um turbo gerador de condensação de 16 MW	Um turbo gerador de contrapressão de 9 MW
	Uma caldeira de 65 kgf/cm <sup>2</sup>	Uma caldeira de 21 kgf/cm <sup>2</sup>	Uma caldeira de 42 kgf/cm <sup>2</sup>

A cogeração com bagaço depende do fornecimento constante de biomassa para as caldeiras da usina. Se houver uma interrupção no suprimento de bagaço, por exemplo, devido à interrupção no fornecimento de cana-de-açúcar à usina, as caldeiras não poderão produzir vapor requerido tanto pelo processo de produção de açúcar quanto pela geração de energia. Devido a esse fato, o plano de expansão do PCBUCSE inclui acompanhado de investimentos no processo de produção de açúcar, de forma a diminuir o consumo de vapor no processo de produção de açúcar e etanol. Essa redução é necessária para se liberar o máximo possível de vapor para a unidade de cogeração. Conseqüentemente, quanto mais eficiente é o sistema usado para o bagaço disponível, mais alto é o investimento por MWh produzido.

O investimento para aumentar a eficiência é dependente também da expansão da produção de açúcar. Então, o suporte financeiro das RCEs ajudarão para aumentar a competitividade da usina e a sustentabilidade das áreas rurais do Brasil.

**A.4.4. Explicação sucinta de como as emissões antrópicas de gases de efeito estufa (GEEs) por fontes serão reduzidas pela atividade de projeto de MDL proposta, incluindo por que as reduções das emissões não ocorreriam na ausência da atividade de projeto proposta, levando em consideração políticas e circunstâncias nacionais e/ou setoriais:**

#### *Unidade de cogeração*

Entregando energia renovável à rede, a eletricidade que seria de outra forma produzida empregando combustível fóssil é substituída. Essa substituição de eletricidade ocorrerá na margem do sistema, ou seja, este projeto de MDL substituirá eletricidade produzida por fontes marginais (predominantemente por usinas térmicas a combustível fóssil), as quais têm custos mais altos de despacho e são solicitadas somente no período em que fontes que produzem energia na base do sistema não podem suprir a rede (em decorrência das limitações por altos custos marginais de despacho ou limitações de estoque de combustível – no caso de fontes hídricas).

O bagaço é um subproduto fibroso, originário do processamento da cana-de-açúcar, que corresponde a aproximadamente 25% do peso da cana verde e aproximadamente um terço do conteúdo energético da cana. Numa unidade de processamento brasileira típica, queimar bagaço para a geração de calor e eletricidade é uma prática já estabelecida. Estima-se que mais de 700 MW de capacidade para geração de



eletricidade a partir do bagaço estão atualmente instalados apenas no estado de São Paulo<sup>2</sup>. A maioria da energia produzida nessas plantas é consumida pelas próprias usinas. Devido às restrições que limitavam o acesso de produtores independentes de energia ao mercado de eletricidade, não havia incentivo às usinas de cana-de-açúcar operarem de uma forma mais eficiente. Caldeiras de baixa pressão, pouca preocupação com o melhor uso e controle do vapor, esmagamento feito mecanicamente ativado pelo vapor, processo de destilação que necessita de muita energia, são alguns poucos exemplos de métodos ineficientes usados normalmente na indústria sucroalcooleira.<sup>3</sup>

A legislação do setor elétrico brasileiro atualmente reconhece o papel do produtor independente de energia, o que acentuou o interesse em melhorar a eficiência das caldeiras e aumentar a geração de eletricidade nas usinas, permitindo às usinas, assim, produzirem energia para satisfazerem suas próprias necessidades e gerarem também uma quantidade excedente que pode ser vendida para a rede elétrica. A atual necessidade de atender a uma demanda crescente de energia no Brasil abre uma real oportunidade para algumas usinas de cogeração de energia a partir do bagaço. Adicionalmente, a característica única de que a geração de energia a partir da cana-de-açúcar no país ocorra nos meses de seca, quando o nível dos reservatórios das hidrelétricas - a mais importante fonte elétrica do país - está baixo, faz dessas iniciativas um complemento perfeito ao sistema elétrico nacional e torna a cogeração de energia a partir do bagaço atrativa para potenciais compradores de eletricidade.

No entanto, barreiras de natureza financeira, dentre outras, ainda representam um desafio para a implementação da maioria dos projetos dessa natureza. Na maioria dos casos, a cultura dos investidores das usinas de açúcar é muito influenciada pelo mercado de açúcar e álcool. Então, eles precisam de um incentivo extra para investir na produção de eletricidade, visto que este é um produto que não poderá ser estocado para especulação. Os contratos de venda de energia, PPAs (do inglês Power Purchase Agreement) requerem diferentes habilidades de negociação, as quais não são comuns na indústria sucroalcooleira. Por exemplo, quando é assinado um contrato de longa duração de venda de energia, o PPA, uma dada usina de açúcar terá de estar suficientemente confiante de que ela irá produzir biomassa suficiente para fornecer ao seu projeto de cogeração. Embora isto pareça fácil de prever, a volatilidade da produtividade de cana-de-açúcar varia de 75 até 120 toneladas de cana por hectare anualmente, dependendo das chuvas. Então, o rendimento na redução de emissão de gases de efeito estufa e outros benefícios associados à certificação do MDL que oferece um conforto financeiro valioso para as usinas de açúcar como as usinas Caeté do Grupo Carlos Lyra, que estão investindo na expansão de sua capacidade de geração de eletricidade e na operação de seus sistemas de cogeração de uma forma mais racional, sob as circunstâncias do setor elétrico acima mencionadas.

---

<sup>2</sup> Secretaria de Energia de São Paulo, 2001.

<sup>3</sup> Nastari, 2000.



**A.4.4.1. Quantia estimada de reduções de emissões durante o período de obtenção de créditos escolhido:**

Anos	Estimativa anual das reduções de emissões em toneladas de CO <sub>2</sub> e
2002	7.722
2003	19.436
2004	19.201
2005	20.559
2006	48.454
2007	48.454
2008*	48.454
<b>Reduções totais estimadas</b> (toneladas de CO <sub>2</sub> e)	212.280
<b>Número total de anos de créditos</b>	7
<b>Média anual do período de crédito das reduções estimadas</b> (toneladas de CO <sub>2</sub> e)	30.326

\*Admite-se que o primeiro período de créditos será considerado de 15 de Junho de 2002 a 15 de Junho de 2009. Entretanto, a tabela acima não considera o ano 2009 devido às incertezas sobre o início da época de colheita, quando a eletricidade gerada pelo sistema de cogeração tornou-se operacional.

**A.4.5. Financiamento público da atividade de projeto:**

Não há financiamento público do Anexo I envolvido nessa atividade de projeto.

**SEÇÃO B. Aplicação de uma metodologia de linha de base**

**B.1. Título e referência da metodologia de linha de base aprovada aplicada à atividade de projeto:**

AM0015: “Bagasse-based cogeneration connected to an electricity grid”.

**B.1.1. Justificativa da escolha da metodologia e por que ela é aplicável à atividade de projeto:**

Esta metodologia é aplicável ao PCBUCSE, pois: (i) o bagaço é produzido e consumido no mesmo local; (ii) o projeto nunca seria implantado pelo poder público, assim como também não seria implantado na ausência do MDL, como demonstrado no capítulo de adicionalidade abaixo; (iii) não há aumento na produção de bagaço devido ao projeto e (iv) não haverá armazenamento de bagaço por mais de um ano.

**B.2. Descrição de como a metodologia é aplicada no contexto da atividade de projeto:**



A atividade do projeto segue os passos dados pela metodologia, levando em conta o cálculo de (b) Simple Adjusted OM no PASSO 1, uma vez que não haveria dados disponíveis para aplicação da opção preferida – (c) *Dispatch Data Analysis OM*. No PASSO 2, a opção 1 foi escolhida. A tabela a seguir apresenta as informações-chave e os dados usados na determinação do cenário de linha de base.

Número ID	Tipo de dado	Valor	Unidade	Fonte dos dados
1. $EG_y$	Eletricidade fornecida à rede pelo Projeto.	Obtido durante toda vida útil do projeto.	MWh	Delta e Volta Grande
2. $EF_y$	Fator de emissão de CO <sub>2</sub> da rede.	0,2677	tCO <sub>2</sub> e/MWh	Calculado
3. $EF_{OM,y}$	Fator de emissão de CO <sub>2</sub> da Margem de Operação da rede.	0,4310	tCO <sub>2</sub> e/MWh	Esse valor foi calculado usando os dados do ONS (Operador Nacional do Sistema), o gerenciador do sistema elétrico brasileiro.
4. $EF_{BM,y}$	Fator de emissão de CO <sub>2</sub> da Margem em Construção da rede.	0,1045	tCO <sub>2</sub> e/MWh	Esse valor foi calculado usando os dados do ONS (Operador Nacional do Sistema), o gerenciador do sistema elétrico brasileiro.
10. $\lambda_y$	Fração de tempo em que fontes de baixo custo e despacho obrigatório estão na margem.	$\lambda_{2002} = 0,5053$ $\lambda_{2003} = 0,5312$ $\lambda_{2004} = 0,5041$	-	Esses valores foram calculados usando os dados do ONS (Operador Nacional do Sistema), o gerenciador do sistema elétrico brasileiro.

**B.3. Descrição de como as emissões antrópicas de gases de efeito estufa por fontes são reduzidas para níveis inferiores aos que teriam ocorrido na ausência da atividade de projeto registrada de MDL:**

**Aplicação da ferramenta de demonstração e avaliação da adicionalidade da Caeté.**

**Passo 0. Projeção preliminar baseada na data de início da atividade do projeto**

(a) O início dos projetos de Delta e Volta Grande ocorreu depois de 1º de Janeiro de 2000, que pode ser evidenciado pelas Licenças Ambientais de Operação da Usina Caeté S/A – filial Delta e Usina Caeté S/A – filial Volta Grande, ambas emitidas pela FEAM – Fundação Estadual do Meio Ambiente em 13 de Agosto de 2002.

(b) Alguns e-mails trocados entre Sr. Marcelo Junqueira, da Econergy Brasil, e vários membros do Grupo Carlos Lyra podem ser usados como evidência que os conceitos do crédito de carbono, Protocolo de Quioto e Mecanismo de Desenvolvimento Limpo foram considerados antes do início do PCBUCSE. Abaixo seguem alguns desses e-mails.



- Em 7 de Abril de 2001, Sr. Marcelo Junqueira, da Econergy Brasil, enviou um e-mail para Sr. Robert Carlos Lyra, Presidente do Grupo Carlos Lyra, comentando sobre seus encontros em Canaplan (uma empresa de consultoria do setor de açúcar e álcool) e uma conversa prévia no telefone. Ele também mencionou sobre os benefícios ambientais que poderiam ser obtidos considerando o desenvolvimento dos projetos de crédito de carbono nas usinas do Grupo Carlos Lyra. Sr. Junqueira finalizou seu e-mail apresentando um orçamento, anexado ao e-mail, sobre o desenvolvimento de projetos de MDL nas usinas de açúcar do Grupo Carlos Lyra.

- Especificamente sobre as duas usinas Caeté Sudeste, Delta e Volta Grande, em 16 de Agosto de 2001, Sr. Mauro Côbo, do departamento jurídico do Grupo Carlos Lyra, enviou um e-mail ao Sr. Marcelo Junqueira, da Econergy Brasil, comentando sobre o interesse em desenvolver projetos de cogeração em duas usinas e sua intenção em continuar com as negociações.

- Em 29 de Outubro de 2001, Sr. Rodrigo Munhoz, do departamento de negócios internacionais do Grupo Carlos Lyra enviou um e-mail ao Sr. Marcelo Junqueira da Econergy Brasil, apresentando-se e as usinas de açúcar da empresa. Ele escreveu que assistiu uma apresentação em 25 de Outubro de 2001, do Sr. Junqueira, em um seminário sobre créditos de carbono e projetos de cogeração. Ele perguntou por informações e a possibilidade de desenvolver esse tipo de projeto em suas usinas.

Depois dos contatos iniciais, Sr. Marcelo Junqueira, da Econergy Brasil, participou de alguns encontros com os diretores do Grupo Carlos Lyra e visitou as duas usinas Caeté Sudeste, Delta e Volta Grande, ambas localizadas no estado de Minas Gerais.

### **Passo 1. Identificação das alternativas para a atividade do projeto, consistente com as leis e regulamentações atuais.**

#### **Sub-passo 1a. Definir alternativas para a atividade do projeto**

1. Havia somente duas possibilidades para a implantação desta atividade de projeto: uma consistia em manter a situação corrente da usina de açúcar, focando apenas na produção de açúcar e álcool, dirigindo os investimentos na melhoria da eficiência e aumento da escala da atividade central. A outra opção seria assumir a atividade do projeto, investindo em aumentar a eficiência do vapor e da produção de eletricidade para venda, pela aquisição de caldeiras de alta eficiência e turbo geradores.

#### **Sub-passo 1b: Aplicação das leis e regulamentações aplicáveis**

2. Como pode ser visto na seção F, essa atividade de projeto cumpre com todas as leis ambientais e com outras leis e regulamentações. Como a outra alternativa é continuar com a situação usual antes da decisão de implementar essa atividade de projeto de MDL, considera-se que cumpriria com todas as regulamentações aplicáveis.

3. Não aplicável.

4. Tanto a atividade de projeto quanto o cenário alternativo estão em conformidade com todas as regulamentações.

### **Passo 3. Análise de Barreiras**

#### **Sub-passo 3a. Identificar barreiras que impediriam a implantação do tipo da atividade de projeto proposta**



**1. e 2.** Segundo COELHO (1999)<sup>4</sup>, “o programa de cogeração de larga escala no setor sucro-alcooleiro ainda não ocorreu, devido às inúmeras barreiras, principalmente econômica, política e institucional”, como:

### **I. Barreiras tecnológicas**

As barreiras tecnológicas representam um ponto muito importante para o crescimento da cogeração por bagaço no Brasil. Apesar de o ciclo-Rankine ser uma tecnologia bastante conhecida, as unidades de cogeração operam com baixa eficiência e não são competitivas se comparadas a outras opções de geração. Por causa disso, há um aspecto delicado sobre a tecnologia e o valor econômico para tal tecnologia. Apesar desta tecnologia ser bem desenvolvida, o valor econômico para sua aplicação não serve para projetos de escala similares a outras usinas de açúcar no Brasil. COELHO (1999) justifica enfatizando que os custos unitários (\$ / MW instalado) são significativamente influenciados pelo efeito de escala. Como a unidade de cogeração por bagaço deveria ter uma escala pequena devido ao alto custo de transporte do combustível (bagaço), os investimentos são altos. Portanto, como a diminuição dos custos é almejada, o resultado final é uma instalação simplificada e uma eficiência mais baixa.

COELHO (1999) também declara que a grande maioria das usinas de açúcar ainda se apóia em tecnologia ineficiente, como as caldeiras de 22 bar, mesmo no Estado de São Paulo, o mais industrializado do Brasil. Além do mais, quando existe a necessidade da troca de equipamentos, é comum não considerar a compra de caldeiras de alta eficiência devido ao conservadorismo, falta de conhecimento ou até falta de interesse em gerar vapor adicional para venda de eletricidade.

Finalmente, SWISHER (1997)<sup>5</sup>, considera difícil convencer o distribuidor local que a energia a ser adquirida, geralmente gerada durante a época de colheita, é suficientemente confiável para ser contabilizada no seu planejamento.

### **II. Barreiras Políticas e Institucionais**

Do ponto de vista do setor elétrico, segundo COELHO (1999), adquirir eletricidade que não hidroelétrica não seria uma prioridade, pois sendo a eletricidade a partir do bagaço ser gerada apenas na época da colheita, não poderia ser oferecida energia de forma confiável. Sugestões de especialistas do setor elétrico enfatizam a dificuldade, apontando a necessidade de desenvolver uma nova fonte complementar de energia para o período do ano que a planta de cogeração não possa operar, como uma pequena central hidrelétrica. Esse, porém é um aspecto muito complicado, considerando que a planta com um output de eletricidade similar seria necessária. E mais ainda, a economia da planta de cogeração e da pequena central hidrelétrica é totalmente diferente, de forma que a estrutura de precificação da energia deveria ser diferente, adicionando outra barreira para a negociação com o distribuidor de eletricidade. A cogeração de gás natural também foi estudada como uma fonte complementar, apesar disso ser indesejável em termos de emissões de gases de efeito estufa.

---

<sup>4</sup> COELHO, Suani T. *Mecanismos para implementação da cogeração de eletricidade a partir de biomassa: um modelo para o Estado de São Paulo*. São Paulo: Programa interunidades de pós-graduação em energia, 1999.

<sup>5</sup> SWISHER, J. *Using area-specific cost analysis to identify low incremental-cost renewable energy options: a case study of co-generation using bagasse in the State of São Paulo*. Washington DC: Prepared for Global Environment Facility (GEF) Secretariat, 1997.



Entretanto, a grande vantagem da eletricidade a partir do bagaço é que ela é produzida durante o período no qual as usinas hidrelétricas enfrentam dificuldades, devido ao baixo nível de chuvas. Como resultado, COELHO (1999) sugere que exista um significativo prejuízo e tradicionalismo dos distribuidores quando decidem em comprar ou não energia proveniente de bagaço.

Do ponto de vista da usina de açúcar, salvo raras exceções, COELHO (1999) diz que a grande maioria das usinas não cogita investir em cogeração (para venda de eletricidade) como prioridade. O setor, mesmo no atual contexto político, parece não ter motivação para investir em um processo que ele vê com desconfiança e cuja produção não tem garantia de um mercado seguro no futuro. Ademais, é fato que “as usinas de açúcar são essencialmente dirigidas por famílias, o que dificulta a associação com agentes financeiros externos”, o que permitiria ao setor ser mais competitivo e diversificar seus investimentos.

O governo brasileiro aprovou recentemente a lei 10.762, de 11 de Novembro de 2003, que é uma revisão da lei 10.438, de 26 de Abril de 2002. A última criou um programa de incentivo para energias renováveis chamado PROINFA. De acordo com 10.438/02, o governo brasileiro compraria, sob condições favoráveis, eletricidade de três fontes principais de energia: biomassa, eólica e pequenas centrais hidrelétricas. A capacidade total a ser contratada era de 3.300 MW, dividida igualmente entre as três fontes.

Acordos de compra e venda de energia (PPA) entre desenvolvedores de projeto e Eletrobrás aconteceram apenas recentemente, depois de muitas discussões sobre os termos de implantação. Na verdade, De 1.100 MW, apenas 685,24 MW foram alcançados. Isso mostra claramente que o PROINFA não pode ser considerado um incentivo governamental para a cogeração de energia por bagaço, já que somente uma fração de projetos viu benefícios em obter um contrato com o governo brasileiro. Então, pode-se concluir que barreiras institucionais para projetos de cogeração com bagaço ainda persistem.

Então, a decisão da companhia de assinar um PPA de longo termo com o distribuidor local, sem dúvida representa um risco significativo que a usina está disponível a tomar, parcialmente graças ao retorno esperado do MDL.

### III. Barreiras Econômicas e de Investimentos

Do ponto de vista dos agentes econômicos, o nível excessivo de garantias requeridas para financiar os projetos, comumente é uma barreira para atingir um estágio de possibilidade financeira, profundamente discutido no SWISHER (1997).

Outras barreiras estão mais relacionadas à falta de acordos contratuais comerciais adequados do que com os compradores de energia, (por exemplo, os contratos em longo prazo e mecanismos de garantia de pagamentos para o setor público locais de créditos não rentáveis e clientes privados) e isso influencia diretamente, tornando mais difícil de obter um financiamento em longo prazo de um banco e/ou um banco de desenvolvimento. Algumas outras barreiras financeiras ocorrem simplesmente devido à alta proibitividade de transação de custos, o que inclui a burocracia para assegurar a licença ambiental.

“Existem diversas razões para a relutância das concessionárias brasileiras em oferecer preços mais altos para energia de cogeração. Uma razão importante provém da hipótese de que os custos são geograficamente uniformes, isto é, há essencialmente um valor único para o custo evitado no setor industrial. Se este valor do custo não indica que haja economia suficiente quando da compra de energia de cogeração e portanto haja pouca motivação econômica, tanto sob um monopólio público quanto uma estrutura privatizada competitiva, para uma concessionária pagar o suficiente para a cogeração para



satisfazer os critérios financeiros de seus investidores em potencial”<sup>6</sup> como citado por SWISHER (1997). Na realidade, o custo econômico é a razão pela qual as concessionárias brasileiras não compram energia de cogeração, pelo menos enquanto a regulamentação do setor não garantir a eles repassar tais custos para o consumidor final. O custo da eletricidade varia numa faixa entre US\$ 35 a US\$ 105 por MWh, de acordo com o Plano de Expansão 2001-2010 do Governo Brasileiro, que é mais alto do que o custo marginal para a expansão elétrica do sistema - US\$ 33/MWh<sup>7</sup>.

COELHO (1999) também enfatiza como um dos maiores problemas de se vender energia excedente para a rede, sendo o valor econômico pago às usinas de açúcar insuficiente para remunerar o capital investido pelas usinas de açúcar na expansão de um projeto de cogeração. Além disso, “a taxa de acesso à rede não contribui para a viabilidade da venda da energia excedente para os distribuidores”.

Resumindo, SWISHER (1997) considera que as principais dificuldades são encontradas em: (a) **pequeno tamanho de projetos e custos de instalação:** como os custos fixos são altos e usualmente as instalações não são grandes, há uma grande barreira econômica para implantação desses tipos de projetos, já que os retornos serão baixos comparando com os custos fixos, (b) **disponibilidade de financiamentos de longo prazo:** tradicionalmente, projetos de infra-estrutura costumam ter mais acesso a financiamentos de longo prazo, situação que se alterou após a privatização do setor elétrico. (c) **falta de garantias:** além das garantias técnicas, investidores requerem garantias comerciais, estabelecendo um paradoxo: privatizações devem fomentar uma economia baseada em mercado, mas bancos ainda requisitam garantias governamentais para assegurarem investimentos de longo prazo no setor privado, (d) **falta de financiamento local:** falta de familiaridade com ferramentas financeiras de projeto e também devido às altas taxas de juros no Brasil.

### III. Barreira Cultural

Devido à natureza do negócio da indústria açucareira, a abordagem de marketing é restrita na transação de tipo commodity. Por isso, a transação de eletricidade baseada em contratos de longo prazo (PPA) representa uma significativa vantagem no modelo de negócios. Nesse caso, a transação de eletricidade deve representar uma oportunidade de investimento seguro, tanto pela perspectiva econômica quanto social-ambiental, para convencer as usinas de açúcar a investirem nisso.

Existem também questões referentes à capacidade administrativa das companhias que compõem a indústria açucareira brasileira. Em muitos casos, elas demonstraram vontade de assumir investimentos em novas tecnologias, mas sem financiamento e capacidade empreendedora suficientes para completar tais projetos, segundo WALTER (1994)<sup>8</sup>.

**Sub-passo 3b: Demonstrar que as barreiras identificadas não impediriam a implantação de ao menos uma das alternativas (exceto a atividade do projeto proposta).**

<sup>6</sup> Joel Swisher personal communication with Rolls Royce Power Ventures project manager. Mark Croke, August 26, 1997. Swisher J. 1997 pg. 76.

<sup>7</sup> “Como se pode observar, os custos unitários das fontes alternativas de energia ainda são altos comparados ao custo marginal de expansão do sistema, hoje calculado em US\$33/MWh”. IN: Ministério de Minas e Energia, Brasil 2001, pág. 80.

<sup>8</sup> Walter, A.C.S. *Viabilidade e Perspectivas da Co-geração e Geração Termelétrica no Setor Sucro-alcooleiro*. Tese de Doutorado. UNICAMP, Campinas, 1994.



Como mostrado acima, a alternativa para esta atividade de projeto seria manter a situação corrente e focar estritamente na atividade principal, que é a produção de açúcar e álcool. Assim, como as barreiras mencionadas acima estão diretamente relacionadas ao ingresso em um novo negócio (venda de energia), não há impedimento para as usinas de açúcar manterem (ou mesmo investirem) na sua atividade principal.

#### **Passo 4. Análise das práticas comuns.**

##### **Sub-passo 4a: Analisar outras atividades similares à atividade do projeto proposta**

Historicamente, o setor açucareiro sempre explorou a biomassa (bagaço) de uma maneira ineficiente, utilizando caldeiras de baixa pressão. Apesar de consumirem quase todo o seu bagaço na geração de energia para uso próprio, a produção é feita de tal maneira que não há energia excedente disponível para venda, e nenhuma companhia de açúcar se aventurou no mercado de eletricidade até recentemente.

Atividades de projetos similares foram implementadas por companhias líderes na indústria – Cia Açucareira Vale do Rosário. Entretanto, este é um único exemplo em um universo de cerca de 320 usinas de açúcar. Atualmente, existem outras atividades de projetos similares em implantação, por exemplo: a Cia Energética Santa Elisa, Moema, Equipav, Nova América. Projetos similares juntos estão restritos a aproximadamente 10% da indústria açucareira, já que os outros 90% continuam queimando seu bagaço para uso próprio, da velha e ineficiente maneira. Isto claramente demonstra que apenas uma pequena parte deste setor deseja investir em projetos de cogeração. Além disso, a maioria de projetos similares atualmente implantados são atividades de projeto de MDL (Econergy já desenvolveu pelo menos 26 projetos de MDL de cogeração com bagaço no Brasil).

##### **Sub-passo 4b: Discutir outras opções similares que estão ocorrendo**

Esse tipo de atividade de projeto não é considerado uma atividade difundida no Brasil, devido à pequena porção de usinas no país que produzem eletricidade para venda. Além disso, a maioria das atividades similares existentes estão sendo desenvolvidas como atividades de projeto de MDL.

#### **Passo 5. Impacto do registro do MDL**

O impacto do registro desta atividade do projeto de MDL contribuirá com a transposição de todas as barreiras descritas nesta ferramenta: tecnológica, institucional e política, econômica, de investimentos e cultural. O registro trará mais segurança ao investimento em si, fomentará e apoiará a decisão dos proprietários do projeto a progredir no seu modelo de negócio. Desta maneira, a atividade do projeto já está em negociação para vender suas RCEs esperadas.

Além disso, o registro dos projetos de MDL deve influenciar outros projetos similares para que obtenham benefícios econômicos com as vendas de RCE, então haveria também um benefício de haver todos os seguidores trabalhando estritamente com a gestão ambiental sustentável, já que isso é solicitado para qualquer projeto que queira ser registrado.

Apesar disto, os benefícios e incentivos mencionados no texto da Ferramenta de Adicionalidade publicado pelo Conselho Executivo do MDL, também poderão ser experimentados pelas atividades de projeto, tais como: o projeto atingirá o objetivo das reduções antrópicas de GEE; vantagens financeiras da renda obtida nas vendas das RCEs que trarão mais robustez à situação financeira do projeto; e sua probabilidade de atrair novos parceiros e nova tecnologia (já existem companhias desenvolvendo um



novo tipo de caldeira extra-eficiente, e a compra de tal equipamento poderá ser estimulada devido à renda da venda das RCEs) e reduzir os riscos do investidor.

Registro também será um impacto sobre outras indústrias de cana-de-açúcar, que vêem a viabilidade de implantar projetos de comercialização de energia renovável de MDL em suas usinas. Além disso, a entrada de capital é muito desejável em uma economia frágil e econômica como a brasileira.

**B.4. Descrição de como a definição do limite do projeto relacionado à metodologia da linha de base selecionada é aplicada à atividade de projeto:**

A definição da fronteira do projeto relatada na metodologia de linha de base é aplicada para esta atividade de projeto, da seguinte forma:

*Linha de base da energia da rede elétrica:* para o PCBUCSE, o subsistema Sul-Sudeste e Centro-Oeste da rede elétrica brasileira é considerado uma fronteira, pois é o sistema com o qual Caeté está conectado, e o qual recebe toda a eletricidade produzida a partir do bagaço.

*Usina de cogeração com bagaço:* a usina de cogeração com bagaço, considerada como fronteira, compreende todo terreno onde os equipamentos de cogeração são instalados.

**B.5. Informações detalhadas sobre a linha de base, incluindo a data de término do estudo de linha de base e o nome da pessoa(s)/entidade(s) que determina(m) a linha de base:**

1. Data de finalização do texto final desta seção da linha de base: 07/12/2005.
2. Nome da pessoa/entidade que determina a linha de base:

ECONERGY BRASIL (Contato no Anexo I para informações), que é um participante do projeto, é responsável pelos serviços técnicos relacionados a reduções da emissão de GEE e é, portanto, em parceria com as duas usinas da Caeté, do Grupo Carlos Lyra, elaborador deste documento e de todo o seu conteúdo.

**SEÇÃO C. Duração da atividade de projeto/ Período de crédito**

**C.1 Duração da atividade de projeto:**

**C.1.1. Data de início da atividade de projeto:**

15/06/2002

**C.1.2. Estimativa da vida útil operacional da atividade de projeto:**

25 anos-0 meses.<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Especialistas da ANEEL sugerem a utilização de 25 anos para a vida operacional de turbinas a vapor, combustão, ciclo combinado e plantas nucleares, de acordo com Bosi, 2000, pg. 29.



**C.2 Escolha do período de obtenção de créditos e informações relacionadas:**

**C.2.1. Período renovável de obtenção de créditos:**

**C.2.1.1. Data de início do primeiro período de obtenção de créditos:**

15/06/2002

**C.2.1.2. Duração do primeiro período de obtenção de créditos:**

7 anos-0 meses.

**C.2.2. Período fixo de obtenção de créditos:**

**C.2.2.1. Data de início:**

Deixado em branco intencionalmente.

**C.2.2.2. Duração:**

Deixado em branco intencionalmente.

**SEÇÃO D. Aplicação de uma metodologia e de um plano de monitoramento**

**D.1. Nome e referência da metodologia de monitoramento aprovada aplicada à atividade de projeto:**

Metodologia de monitoramento aprovada AM0015: “Bagasse-based cogeneration connected to an electricity grid”

**D.2. Justificativa da escolha da metodologia e por que ela é aplicável à atividade de projeto:**

A metodologia de monitoramento foi desenvolvida para ser aplicada ao Projeto de MDL Vale do Rosário. Devido à grande similaridade entre os projetos, a mesma metodologia foi escolhida para o monitor a redução de emissões decorrente do PCBUCSE.

A metodologia considera o monitoramento das reduções de emissões geradas pelos projetos de cogeração com bagaço de cana-de-açúcar. A energia produzida pelo projeto poderia ser a eletricidade despachada ao sistema interligado e/ou energia usada para substituir combustível fóssil da rede conectada. E é exatamente o caso do PCBUCSE: o projeto utiliza um subproduto do processo da moenda da cana-de-açúcar (bagaço) para produzir e comercializar eletricidade renovável conectada a uma rede regional brasileira. A metodologia é, dessa forma, totalmente aplicável ao PCBUCSE.

Além disso, por ser uma metodologia usada em conjunto com a metodologia de linha de base aprovada AM0015 (“Bagasse-based cogeneration connected to an electricity grid”), as mesmas condições de aplicabilidade são descritas e justificadas no item B1.1 deste documento.



**D.2. 1. Opção 1: Monitoramento das emissões no cenário do projeto e no cenário de linha de base**

**D.2.1.1. Dados a serem coletados para monitorar as emissões da atividade do projeto e como esses dados serão arquivados:**

Número de Identificação <i>(use números para facilitar o cruzamento de referências com a tabela D.3)</i>	Variável dos dados	Fonte dos dados	Unidade dos dados	Medido (m), calculado (c) ou estimado (e)	Frequência do registro	Proporção dos dados a serem monitorados	Como os dados serão arquivados? (eletronicamente/ em papel)	Comentário

**D.2.1.2. Descrição das fórmulas usadas para estimar as emissões do projeto (para cada gás, fonte, fórmula/ algoritmo, unidades de emissão de CO<sub>2</sub>equ.)**

Deixado em branco intencionalmente.

**D.2.1.3. Dados relevantes necessários para determinar a linha de base das emissões antrópicas por fonte de GEEs dentro do limite do projeto e identificação de como esses dados serão coletados e arquivados:**

Número de Identificação	Variável	Fonte dos dados	Unidade dos dados	Medidos (m), calculados (c) ou estimados (e)	Frequência de registro	Proporção dos dados a serem monitorada	Como os dados serão arquivados? (eletrônico/ papel)	Comentários
1. EGy	Eletricidade fornecida à rede pelo Projeto.	Leituras da medição de energia conectada à rede e notas fiscais das vendas	MWh	<i>m</i>	Mensal	100%	Eletrônico e Papel	Dupla checagem com notas fiscais de venda. Os dados serão arquivados de acordo com os procedimentos internos, até dois anos depois do final do período de créditos.



**FORMULÁRIO DO DOCUMENTO DE CONCEPÇÃO DE PROJETO  
(MDL-DCP) - Versão 02**



2. EF <sub>y</sub>	Fator de emissão de CO <sub>2</sub> da rede.	Calculado	tCO <sub>2</sub> e/MWh	c	Na validação e anualmente depois do registro	0%	Eletrônico e Papel	Os dados serão arquivados de acordo com os procedimentos internos, até dois anos depois do final do período de créditos.
3. EF <sub>OM,y</sub>	Fator de emissão de CO <sub>2</sub> da Margem de Operação da rede.	Fator calculado pela ONS, o gerenciador do sistema elétrico brasileiro.	tCO <sub>2</sub> e/MWh	c	Na validação e anualmente depois do registro	0%	Eletrônico e Papel	Os dados serão arquivados de acordo com os procedimentos internos, até dois anos depois do final do período de créditos.
4. EF <sub>BM,y</sub>	Fator de emissão de CO <sub>2</sub> da Margem em Construção da rede.	Fator calculado pela ONS, o gerenciador do sistema elétrico brasileiro.	tCO <sub>2</sub> e/MWh	c	Na validação e anualmente depois do registro	0%	Eletrônico e Papel	Os dados serão arquivados de acordo com os procedimentos internos, até dois anos depois do final do período de créditos.
10. λ <sub>y</sub>	Fração de tempo em que fontes de baixo custo e despacho obrigatório estão na margem.	Fator calculado pela ONS, o gerenciador do sistema elétrico brasileiro.	index	c	Na validação e anualmente depois do registro	0%	Eletrônico e Papel	Os dados serão arquivados de acordo com os procedimentos internos, até dois anos depois do final do período de créditos.

**D.2.1.4. Descrição das fórmulas usadas para estimar as emissões de linha de base (para cada gás, fonte, fórmula/ algoritmo, unidades de emissões de CO<sub>2</sub>equ.)**

$EF_{OM, simple\_adjusted, y} = (1 - \lambda_y) \frac{\sum_{i,j} F_{i,j,y} \cdot COEF_{i,j}}{\sum_j GEN_{j,y}} + \lambda_y \frac{\sum_{i,k} F_{i,k,y} \cdot COEF_{i,k}}{\sum_k GEN_{k,y}} \text{ (tCO}_2\text{e/GWh)}$ $EF_{electricity} = \frac{EF_{OM} + EF_{BM}}{2} \text{ (tCO}_2\text{e/GWh)}$ $BE_{electricity,y} = EF_{electricity} \cdot EG_y$	<p><i>F<sub>i,j(or m),y</sub></i> É a quantidade de combustível <i>i</i> (em unidade de massa ou volume) consumida pelas fontes relevantes de energia <i>j</i> no ano(s) <i>y</i></p> <p><i>j, m</i> Refere-se às fontes de energia fornecedoras de eletricidade à rede, exceto plantas de baixo custo e despacho obrigatório, e incluindo importações da rede</p> <p><i>COEF<sub>i,j(or m),y</sub></i> É o coeficiente de emissão de CO<sub>2</sub> do combustível <i>i</i> (tCO<sub>2</sub> / unidade de massa ou volume do combustível), levando em conta o conteúdo de carbono dos combustíveis usados por fontes relevantes de energia <i>j</i> (ou <i>m</i>) e o percentual de oxidação do combustível em ano(s) <i>y</i></p> <p><i>GEN<sub>j(or m),y</sub></i> É a eletricidade (MWh) despachada à rede pela fonte <i>j</i> (ou <i>m</i>)</p> <p><i>BE<sub>electricity,y</sub></i> São as emissões de linha de base devidas à substituição de eletricidade durante o ano <i>y</i> em toneladas de CO<sub>2</sub></p> <p><i>w<sub>OM</sub>, w<sub>BM</sub></i> São os pesos dados para a margem em operação (OM) e a margem em construção (BM) no cálculo do fator de emissão.</p> <p><i>EG<sub>y</sub></i> É a quantidade líquida de eletricidade gerada na planta de cogeração com bagaço, resultante da atividade do projeto durante o ano <i>y</i> em MWh,</p> <p><i>EF<sub>electricity,y</sub></i> É o fator de emissão de CO<sub>2</sub> de linha de base para a eletricidade.</p>
--	--

Este modelo não deve ser alterado. Deve ser preenchido sem modificações/ adição de cabeçalhos ou logomarca, formato ou fonte.



**D.2.2. Opção 2: Monitoramento direto de reduções de emissões da atividade de projeto (os valores devem ser compatíveis com os da seção E).**

Deixado em branco intencionalmente.

**D.2.2.1. Dados a serem coletados para monitoramento das emissões da atividade de projeto, e como esses dados serão arquivados:**

Número de Identificação <i>(use números para facilitar o cruzamento de referências com a tabela D.3)</i>	Variável	Fonte	Unidade	Medidos (m), calculados (c) ou estimados (e)	Frequência do registro	Proporção dos dados a serem monitorados	Como os dados serão arquivados? (eletronicamente/ em papel)	Comentário

Deixado em branco intencionalmente.

**D.2.2.2. Descrição das fórmulas usadas para calcular as emissões do projeto (para cada gás, fonte, fórmulas/ algoritmo, unidades de emissão de CO<sub>2</sub>equ.):**

Deixado em branco intencionalmente.

**D.2.3. Tratamento de fugas no plano de monitoramento**  
**D.2.3.1. Se aplicável, descreva as informações e os dados que serão coletados para monitorar os efeitos das fugas da atividade de projeto:**

Número de Identificação <i>(use números para facilitar o cruzamento de referências com a tabela D.3)</i>	Variável	Fonte	Unidade	Medidos (m), calculados (c) ou estimados (e)	Frequência do registro	Proporção dos dados a serem monitorados	Como os dados serão arquivados? (eletronicamente/ em papel)	Comentário

Deixado em branco intencionalmente.



**D.2.3.2. Descrição das fórmulas usadas para estimar as fugas (para cada gás, fonte, fórmulas/ algoritmo, unidades de emissões de CO<sub>2</sub>equ.):**

Deixado em branco intencionalmente.

**D.2.4. Descrição das fórmulas usadas para estimar reduções de emissões para a atividade de projeto (para cada gás, fonte, fórmulas/ algoritmo, unidades de emissões de CO<sub>2</sub>equ.):**

$$ER_y = BE_{\text{thermal}, y} + BE_{\text{electricity}, y} - PE_y - L_y$$

$$BE_{\text{thermal}, y} = 0$$

$$PE_y = 0$$

$$L_y = 0$$

$$BE_{\text{electricity}, y} = EF_{\text{electricity}} \cdot EG_y$$

ER<sub>y</sub>: São as reduções de emissão da atividade do projeto, durante o ano y em toneladas de CO<sub>2</sub>

BE<sub>electricity,y</sub>: São as emissões de linha de base devidas ao deslocamento de eletricidade durante o ano y em toneladas de CO<sub>2</sub>

BE<sub>thermal,y</sub>: São as emissões de linha de base devidas á deslocamento de energia térmica durante o ano y em toneladas de CO<sub>2</sub>

PE<sub>y</sub>: São as emissões do projeto durante o ano y em toneladas de CO<sub>2</sub>.

L<sub>y</sub>: São as emissões de fuga durante o ano y em toneladas de CO<sub>2</sub>.

**D.3. Estão sendo realizados procedimentos de controle de qualidade (CQ) e garantia de qualidade (GQ) para os dados monitorados**

Dados (Indique a tabela e o número de identificação por ex. 3.-1.; 3.2.)	Grau de incerteza dos dados (Alto/Médio/Baixo)	Explique os procedimentos de CQ/GQ planejados para esses dados, ou por que tais procedimentos não são necessários.
1	Baixo	Estes dados serão diretamente usados no cálculo da redução de emissão. Registro das vendas e outros registros são usados para assegurar a consistência.
2	Baixo	Dados não precisam ser monitorados
3	Baixo	Dados não precisam ser monitorados
4	Baixo	Dados não precisam ser monitorados
10	Baixo	Dados não precisam ser monitorados



**D.4 Descreva a estrutura operacional e administrativa que o operador do projeto implementará para monitorar as reduções de emissões e quaisquer efeitos relacionados às fugas, gerados pela atividade de projeto:**

A estrutura para monitoramento desta atividade de projeto consistirá, basicamente, no registro da quantidade de energia vendida à rede ( $EG_y$ ) e a quantidade de horas que cada motor operará. Há duas operações que os operadores do projeto devem realizar para assegurar a consistência dos dados.

1. Leituras mensais do equipamento de medição calibrado devem ser registradas numa planilha eletrônica;
2. Recibos de venda devem ser arquivados para dupla checagem dos dados. No caso de inconsistência, esses são os dados a serem usados.

Ademais, de acordo com a lei, o equipamento de medição deve ser periodicamente calibrado para obedecer aos regulamentos para produtores independentes de energia conectados à rede regional.

**D.5 Nome da pessoa/entidade que determina a metodologia de monitoramento:**

ECONERGY BRASIL (Contato no Anexo I para informações), que é participante do projeto, é responsável pelos serviços técnicos relacionados a reduções das emissões de GEEs e é, portanto, em parceria com as duas usinas da Caeté, do Grupo Carlos Lyra, elaborador deste documento e de todo o seu conteúdo.



**SEÇÃO E. Estimativa de emissões de gases de efeito estufa por fontes**

**E.1. Estimativa das emissões de gases de efeito estufa por fontes:**

Essa atividade de projeto não acarreta queima adicional de combustível fóssil devido à sua implementação. Dessa forma, a variável  $PE_y$ , apresentada nessa metodologia, não necessita ser monitorada.

Então,  $PE_y = 0$

**E.2. Fugas estimadas:**

Essa atividade de projeto não vendia bagaço antes de sua implantação.

Assim,  $L_y = 0$

**E.3. A soma dos itens E.1 e E.2 representando as emissões da atividade de projeto:**

$L_y + PE_y = 0$

**E.4. Estimativa das emissões antrópicas por fontes de gases de efeito estufa da linha de base:**

A metodologia de linha de base considera a determinação do fator de emissão da rede na qual a atividade de projeto está conectada como o centro dos dados a serem determinados no cenário da linha de base. No Brasil, há duas redes principais, Sul/Sudeste/Centro-Oeste e Norte/Nordeste, no entanto a rede relevante para este projeto é a Sul/Sudeste/Centro-Oeste.

O método que será escolhido para calcular a Margem de Operação (MO) para o fator de emissão da eletricidade de linha de base será a opção (b) “*Simple Adjusted OM*”, já que a escolha de preferência (c) “*Dispatch Data Analysis OM*” enfrentaria a barreira de disponibilidade de dados no Brasil.

Para calcular a Margem de Operação, dados de despacho diários do Operador Nacional do Sistema (ONS) precisaram ser coletados. ONS não fornece regularmente tais informações, o que implicou em obtê-las através de comunicação direta com a entidade.

As informações obtidas referem-se aos anos 2002, 2003 e 2004, e são as informações mais recentes disponíveis nesse estágio (no final de 2005, ONS forneceu dados de despacho para toda a rede interconectada na forma de relatórios<sup>10</sup> diários de 1º de janeiro de 2002 a 31 de dezembro de 2004, as informações mais recentes disponíveis nesse estágio).

**Cálculo do “Simple Adjusted Operating Margin Emission Factor” (Margem em Operação)**

De acordo com a metodologia, o projeto determina o “Simple Adjusted Operating Margin Emission Factor” ( $EF_{OM, simple\ adjusted, y}$ ). Então, a equação seguinte a ser resolvida é:

<sup>10</sup> *Acompanhamento Diário da Operação do Sistema Interligado Nacional*. ONS-CNOS, Centro Nacional de Operação do Sistema. Relatórios diários de todo o sistema interconectado de 1º de Janeiro de 2001 a 31 de Dezembro de 2003.



$$EF_{OM, simple\_adjusted, y} = (1 - \lambda_y) \frac{\sum_{i,j} F_{i,j,y} \cdot COEF_{i,j}}{\sum_j GEN_{j,y}} + \lambda_y \frac{\sum_{i,k} F_{i,k,y} \cdot COEF_{i,k}}{\sum_k GEN_{k,y}} \quad (\text{tCO}_2\text{e/GWh})$$

É assumido aqui que todas as usinas de fontes de baixo custo e despacho obrigatório produzem emissões nulas.

$$\frac{\sum_{i,k} F_{i,k,y} \cdot COEF_{i,k}}{\sum_k GEN_{k,y}} = 0 \quad (\text{tCO}_2\text{e/GWh})$$

Por favor, refira-se ao texto da metodologia ou às explicações das variáveis mencionadas acima.

Os dados do ONS, assim como, a planilha do cálculo dos fatores de emissão foram disponibilizados para o validador (EOD). Na planilha, os dados de despacho são tratados para permitir o cálculo do fator de emissão para os três anos mais recentes com as informações disponíveis, que são de 2002, 2003 e 2004.

Os fatores Lambda foram calculados de acordo com os requisitos da metodologia. Mais informações detalhadas são fornecidas no Anexo 3. A tabela abaixo apresenta esses fatores.

Ano	Lambda
2002	0,5053
2003	0,5312
2004	0,5041

A geração de eletricidade para cada ano também precisa ser levada em consideração. Essa informação é fornecida na tabela abaixo:

Ano	Carga elétrica (MWh)
2002	275.402.896
2003	288.493.929
2004	297.879.874

Usando informações apropriadas para  $F_{i,j,y}$  e  $COEF_{i,j}$ , os fatores de emissão da MO para cada ano podem ser determinados, como segue:

$$EF_{OM, simple\_adjusted, 2002} = (1 - \lambda_{2002}) \frac{\sum_{i,j} F_{i,j,2002} \cdot COEF_{i,j}}{\sum_j GEN_{j,2002}} \therefore EF_{OM, simple\_adjusted, 2002} = 0,4207 \text{ tCO}_2/\text{MWh}$$

$$EF_{OM, simple\_adjusted, 2003} = (1 - \lambda_{2003}) \frac{\sum_{i,j} F_{i,j,2003} \cdot COEF_{i,j}}{\sum_j GEN_{j,2003}} \therefore EF_{OM, simple\_adjusted, 2003} = 0,4397 \text{ tCO}_2/\text{MWh}$$



$$EF_{OM, simple\_adjusted, 2004} = (1 - \lambda_{2004}) \frac{\sum_{i,j} F_{i,j,2004} \cdot COEF_{i,j}}{\sum_j GEN_{j,2004}} \therefore EF_{OM, simple\_adjusted, 2004} = 0,4327 \text{ tCO}_2/\text{MWh}$$

Finalmente, para determinar a linha de base *ex-ante*, a média entre os três anos é calculada, determinando o  $EF_{OM, simple\_adjusted}$ .

$$EF_{OM, simple\_adjusted\ 2002\_2004} = 0,4310 \text{ tCO}_2/\text{MWh}$$

De acordo com a metodologia usada, o fator de emissão da Margem de Construção (MC) também precisa ser determinado:

$$EF_{BM} = \frac{\sum_{i,m} F_{i,m,y} \cdot COEF_{i,m}}{\sum_m GEN_{m,y}}$$

A geração de eletricidade neste caso, corresponde a 20% do total gerado no ano mais recente (2004). Como as 5 plantas mais recentes construídas geram menos que os 20%, o cálculo do fator em questão resulta em:

$$EF_{BM, 2004} = 0,1045 \text{ tCO}_2/\text{MWh}$$

Finalmente, o fator de emissão da linha de base é calculado por uma fórmula de média ponderada, considerando tanto o MO quanto o MC sendo os pesos de 50% e 50% por definição. Logo, o resultado será:

$$EF_{electricity, 2002-2004} = 0,5 * 0,4310 + 0,5 * 0,1045 = 0,2677 \text{ tCO}_2/\text{MWh}$$

É importante notar que as considerações adequadas dos pesos acima estão atualmente sendo estudadas pelo Painel Metodológico, e existe uma possibilidade de que os pesos utilizados na metodologia aplicada aqui sofram alterações.

As emissões da linha de base poderiam ser proporcionais à eletricidade despachada à rede durante o período de duração do projeto. As emissões de linha de base devido ao deslocamento de eletricidade são calculadas pela multiplicação do fator de emissão da linha de base ( $EF_{electricity, 2002-2004}$ ) pela eletricidade gerada pela atividade do projeto.

$$BE_{electricity, y} = EF_{electricity, 2002-2004} \cdot EG_y$$

Então, para o primeiro período de crédito, as emissões de linha de base serão calculadas como a seguir:

$$BE_{electricity, y} = 0,2677 \text{ tCO}_2/\text{MWh} \cdot EG_y \text{ (em tCO}_2\text{e)}$$

**E.5. Diferença entre os itens E.4 e E.3, representando as reduções nas emissões da atividade de projeto:**

As reduções de emissões para essa atividade de projeto são:



$$ER = BE_{\text{electricity},y} - (L_y + PE_y) = 0,2677 \text{ tCO}_2/\text{MWh} \cdot EG_y - 0 \rightarrow ER = 0,2677 \text{ tCO}_2/\text{MWh} \cdot EG_y$$

**E.6. Tabela fornecendo valores obtidos ao se aplicar as fórmulas acima:**

Ano	Estimativa das reduções de emissões da atividade do projeto (toneladas de CO <sub>2</sub> e)	Estimativa das reduções de emissões da linha de base (toneladas de CO <sub>2</sub> e)	Estimativa da fuga (toneladas de CO <sub>2</sub> e)	Estimativa das reduções de emissões (toneladas de CO <sub>2</sub> e)
2002	7.722	0	0	7.722
2003	19.436	0	0	19.436
2004	19.201	0	0	19.201
2005	20.559	0	0	20.559
2006	48.454	0	0	48.454
2007	48.454	0	0	48.454
2008	48.454	0	0	48.454
<b>Total</b> (toneladas de CO <sub>2</sub> e)	212.280	0	0	212.280

\*Admite-se que o Primeiro Período de Créditos será considerado de 15 de Junho de 2002 a 15 de Junho de 2009. Entretanto, a tabela acima não considera o ano de 2009 devido às incertezas sobre o início da época de colheita, quando a eletricidade gerada pelo sistema de cogeração torna-se operacional.

**SEÇÃO F. Impactos Ambientais**

**F.1. Documentação sobre a análise dos impactos ambientais, incluindo os impactos transfronteiriços:**

Os impactos ambientais possíveis foram analisados pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, através do COPAM (Conselho Estadual de Política Ambiental) e FEAM (Fundação Estadual do Meio Ambiente). As Usinas Delta e Volta Grande cumprem com a legislação ambiental e receberam Licenças de operação e instalação para as unidades atuais instaladas.

Considerando os impactos fora da fronteira, o PCBUCSE não impactará a expansão da rede elétrica nacional devido ao seu pequeno tamanho em capacidade de geração de energia. Grupo Carlos Lyra sempre tratou de outros aspectos ambientais, incluindo preservação do meio ambiente local, em um melhoramento contínuo das áreas de preservação, adequado tratamento de efluentes e outros resíduos, e está em acordo com todas as regulamentações ambientais aplicáveis no Brasil, nenhuma outra avaliação de impacto ambiental ou documentação deverá ser necessária para PCBUCSE.

A tabela abaixo ilustra o histórico do licenciamento ambiental.



	DOCUMENTO	DATA DE APROVAÇÃO	VALIDADE
DELTA	Licença Operacional	13/08/2004	13/08/2006
VOLTA GRANDE	Licença Operacional	13/08/2004	13/08/2006

Tabela 3: Histórico do Licenciamento Ambiental do PCBUCSE.

**F.2. Se os impactos ambientais forem considerados significativos pelos participantes do projeto ou pela Parte anfitriã, forneça as conclusões e todas as referências de apoio à documentação relativa a uma avaliação de impacto ambiental realizada de acordo com os procedimentos, conforme exigido pela Parte anfitriã:**

A Licença de operação oficial das usinas Delta e Volta Grande foram emitidas pela FEAM em 13 de Agosto de 2002. Entretanto, as usinas Delta e Volta Grande devem cumprir com algumas demandas da agência ambiental para que o projeto entre em operação, sendo:

- Executar o programa de monitoramento definido pela FEAM;
- Apresentar um relatório com as atividades industriais no final de cada estação de colheita;
- Apresentar, no final de cada estação de colheita, o relatório de manutenção preventiva da vinhaça e o encanamento de transporte de água, de acordo com características do material apresentado pelo fabricante;
- Apresentar, no final de cada época de colheita, informação que mostre o total de agrotóxicos consumidos e o destino final dos componentes químicos.

## **SEÇÃO G. Comentários dos Atores**

### **G.1. Breve descrição do processo de convite e compilação dos comentários dos atores locais:**

Como solicitação da Comissão Interministerial de Mudança Global do Clima, a AND brasileira, as duas usinas Caeté Sudeste convidaram diversas organizações e instituições para comentar o projeto de MDL a ser desenvolvido. Cartas<sup>11</sup> foram enviadas para os seguintes destinatários:

- Prefeitura Municipal de Delta – MG;
- Prefeitura Municipal de Conceição das Alagoas – MG;
- Prefeitura Municipal de Uberaba – MG;
- Prefeitura Municipal de Igarapava – MG;
- Câmara dos Vereadores de Delta – MG;
- Câmara dos Vereadores de Conceição das Alagoas – MG;

<sup>11</sup> Cópias dos convites estão disponíveis com os Participantes do Projeto.



- FEAM – Fundação Estadual de Meio Ambiente;
- FBOMS – Fórum Brasileiro de ONGs;
- Conselho Superior do Ministério Público;
- IEF – Instituto Estadual de Floresta;
- IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente;
- IGAM – Instituto Gama de Assessoria a Órgãos Públicos;
- FAEMG – Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais;
- SEPLAN MG – Secretaria Estadual de Planejamento e Gestão;
- EMATER – Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural;
- DNIT – Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes;
- DER – Departamento de Estradas e Rodagens.

#### **G.2. Resumo dos comentários recebidos:**

Três comentários foram recebidos pelos atores abaixo listados:

- Prefeitura Municipal de Igarapava – MG;
- FBOMS – Fórum Brasileiro de ONGs;
- DNIT – Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes;

No primeiro caso, uma carta foi enviada pelo Sr. Francisco Tadeu Molina (Prefeito de Igarapava). No segundo caso, uma carta foi enviada pela Sra. Esther Neuhaus (Gerente executivo do FBOMS). No terceiro caso, uma carta foi enviada pelo Sr. Elias João Barbosa (Supervisor da DNIT).

As cartas enviadas pela Prefeitura Municipal de Igarapava e DNIT contêm comentários positivos sobre o PCBUCSE. Eles enfatizam a importância da Mudança Global do Clima associada com o Potencial de Aquecimento Global e a contribuição do PCBUCSE para a mitigação dos efeitos dos gases do efeito estufa.

A carta enviada pelo FBOMS expressa gratidão pela correspondência enviada pelo Grupo Carlos Lyra. FBOMS também reconhece seu papel, como uma das muitas instituições listadas na Resolução 1, criada pela AND brasileira (CIMGC – Comissão Interministerial de Mudança Global do Clima), que devem ser convidadas para comentar projetos. Eles enfatizam seu apoio em mecanismos transparentes de processo de análise e aprovação de projetos de MDL. Eles mencionam a importância de consultar atores locais para comentários a fim de obter a melhoria da sustentabilidade e da qualidade dos projetos, colaborando com a implantação de um regime de troca de clima internacional. Além disso, FBOMS afirma que está esperando por uma manifestação do governo federal brasileiro, junto a CIMGC, sobre como os comentários e análises feitas pelos integrantes do FBOMS para projetos de MDL são considerados na decisão final desse tipo de projeto. Além disso, eles enfatizam que seu interesse na avaliação de informação técnica, mas a falta de análise mais detalhada do projeto, não significa a aprovação do mesmo.



**G.3. Relatório sobre como a devida consideração foi dada aos comentários recebidos:**

Considerando os comentários feitos pela Prefeitura Municipal de Igarapava e DNIT, uma carta foi enviada pelo Grupo Carlos Lyra para cada instituição, expressando sua gratidão pelas considerações e também a disposição do Grupo Carlos Lyra em fornecer qualquer informação adicional necessária.

Em relação aos comentários feitos pelo FBOMS, uma carta foi enviada pelo Grupo Carlos Lyra expressando sua gratidão por considerar sobre o PCBUCSE e também a disposição do Grupo Carlos Lyra em fornecer qualquer informação adicional necessária.



Anexo 1

**DADOS PARA CONTATO DOS PARTICIPANTES DA ATIVIDADE DE PROJETO**

**Participante do projeto -1:**

Organização:	Econergy Brasil Ltda.
Rua/Cx. Postal:	Rua Pará, 76 cj 41
Edifício:	Higienópolis Office Center
Cidade:	São Paulo
Estado/Região:	SP
CEP:	01243-020
País:	Brasil
Telefone:	+55 (11) 3219-0068
FAX:	+55 (11) 3219-0693
E-Mail:	<a href="mailto:junqueira@econergy.com.br">junqueira@econergy.com.br</a>
URL:	<a href="http://www.econergy.com.br">http://www.econergy.com.br</a>
Representada por:	
Título:	Sr.
Forma de tratamento:	
Sobrenome:	Diniz Junqueira
Nome do meio:	Schunn
Nome:	Marcelo
Departamento:	Direção
Celular:	+55 (11) 8263-3017
FAX direto:	+55 (11) 3219-0693
Tel direto:	+55 (11) 3219-0068 ext 25
E-Mail:	<a href="mailto:junqueira@econergy.com.br">junqueira@econergy.com.br</a>



FORMULÁRIO DO DOCUMENTO DE CONCEPÇÃO DE PROJETO  
(MDL-DCP) - Versão 02



MDL – Conselho executivo

página 33

Participante do projeto -2:

Organização:	<b>Usina Caeté S/A – Unidade Delta (Delta Branch)</b>
Rua/Cx. Postal:	Av José Agostinho Filho, 750
Edifício:	
Cidade:	Delta
Estado/Região:	Minas Gerais
CEP:	38108-000
País:	Brasil
Telefone:	+55 (34) 3319-6463
FAX:	+55 (34) 3319-6468
E-Mail:	<a href="mailto:gesliana@gclnet.com.br">gesliana@gclnet.com.br</a>
URL:	<a href="http://www.carloslyra.com.br">www.carloslyra.com.br</a>
Representada por:	Sebastião Lima da Costa
Título:	Superintendente Industrial
Forma de tratamento:	Doutor
Sobrenome:	Costa
Nome do meio:	Lima
Nome:	Sebastião
Departamento:	Industrial
Celular:	+55 (34) 99784045
FAX direto:	+55 (34) 3319-6468
Tel direto:	+55 (34) 3319-6463
E-Mail:	<a href="mailto:sebastiaol@gclnet.com.br">sebastiaol@gclnet.com.br</a>



FORMULÁRIO DO DOCUMENTO DE CONCEPÇÃO DE PROJETO  
(MDL-DCP) - Versão 02



MDL – Conselho executivo

página 34

**Participante do Projeto -3:**

Organização:	<b>Usina Caeté S/A – Unidade Volta Grande (Volta Grande Branch)</b>
Rua/Cx. Postal:	Rodovia MG-427, km 43 – Fazenda Cachoeira – Zona Rural
Edifício:	
Cidade:	Conceição das Alagoas
Estado/Região:	Minas Gerais
CEP:	38120-000
País:	Brasil
Telefone:	+55 (34) 3319-6239
FAX:	+55 (34) 3319-6228
E-Mail:	<a href="mailto:gesliana@gclnet.com.br">gesliana@gclnet.com.br</a>
URL:	<a href="http://www.carloslyra.com.br">www.carloslyra.com.br</a>
Representada por:	Sebastião Lima da Costa
Título:	Superintendente Industrial
Forma de tratamento:	Doutor
Sobrenome:	Costa
Nome do meio:	Lima
Nome:	Sebastião
Departamento:	Industrial
Celular:	+55 (34) 99784045
FAX direto:	+55 (34) 3319 6228
Tel direto:	+55 (34) 3319 6239
E-Mail:	<a href="mailto:sebastiaol@gclnet.com.br">sebastiaol@gclnet.com.br</a>

Anexo 2

**INFORMAÇÕES SOBRE FINANCIAMENTO PÚBLICO**

Não há financiamento público do Anexo I envolvido na atividade de projeto PCBUCSE.



Anexo 3

**INFORMAÇÕES DE LINHA DE BASE**

O sistema elétrico brasileiro tem sido historicamente dividido em dois subsistemas: Norte/Nordeste (N/NE) e Sul/Sudeste/Centro-Oeste (S/SE/CO). Isto ocorre principalmente devido à evolução histórica e física do sistema, o qual se desenvolveu naturalmente ao redor dos grandes centros consumidores do país.

A evolução natural de ambos os sistemas está crescentemente mostrando que a integração ocorrerá no futuro. Em 1998, o governo Brasileiro anunciou o primeiro movimento com a linha de interconexão entre S/SE/CO e N/NE. Com investimentos em torno de US\$700 milhões, a conexão teve como propósito principal, na visão do governo, ao menos, ajudar a resolver desequilíbrios energéticos no país: a região S/SE/CO poderia suprir a N/NE caso fosse necessário e vice-versa.

Todavia, mesmo após o estabelecimento da interconexão, a papelada técnica ainda divide o sistema Brasileiro em dois (Bosi, 2000)<sup>12</sup>:

“... onde o Sistema Elétrico Brasileiro se divide em três subsistemas separados”:

- (i) O Sistema Interconectado Sul/Sudeste/Centro-Oeste;
- (ii) O Sistema Interconectado Norte/Nordeste, e
- (iii) Os Sistemas Isolados (que representam 300 localizações eletricamente isoladas dos sistemas interconectados).”

Além disso, Bosi (2000) apresenta uma forte argumentação a favor da assim chamada *linha de base de multi-projeto*:

“Para grandes países com diferentes circunstâncias no interior de suas fronteiras e diferentes redes energéticas baseadas nos três diferentes sistemas, multi-projetos de linha de base no setor de eletricidade talvez tenham a necessidade de se desagregar abaixo do nível do país para que possa prover representação acreditável do que poderia ter ocorrido de outra forma”.

Finalmente, deve-se levar em consideração que mesmo que os sistemas estejam interconectados atualmente, a transmissão de energia entre o N/NE e o S/SE/CO é severamente limitada pela capacidade das linhas de transmissão. Então, somente uma fração do total de energia gerada em ambos os subsistemas é enviada de alguma maneira. É natural que essa fração possa mudar de direção e magnitude (acima da capacidade da linha de transmissão) dependendo do padrão hidrológico, clima e outros fatores incontrolláveis. Mas não é necessário que isso represente uma quantidade significativa da demanda de cada subsistema. Também deve ser considerado que apenas no final de 2004 a interconexão entre SE e NE foi concluída, isto é, se os proponentes do projeto estiverem coerentes com a base de dados de geração disponível no momento da submissão para validação do DCP, uma situação onde a transmissão de eletricidade entre os subsistemas estava restrita deverá ser considerada.

O sistema elétrico brasileiro compreende atualmente ao redor de 91,3 GW de capacidade instalada, no total de 1.420 iniciativas de geração de eletricidade. Destas, aproximadamente 70% são plantas hidroelétricas, perto de 10% são plantas de energia a partir da queima de gás natural, 5,3% são plantas de

<sup>12</sup> Bosi, M. *An Initial View on Methodologies for Emission Baselines: Electricity Generation Case Study*. Agência Internacional de Energia. Paris, 2000.



diesel e óleo combustível, 3,1% de são fontes de biomassa (cana-de-açúcar, madeira, casca de arroz, biogás e licor negro), 2% são usinas nucleares, 1,4% são plantas de carvão, e também há 8,1 GW de capacidade instalada nos países vizinhos (Argentina, Venezuela, Uruguai e Paraguai) que deverão despachar energia à rede brasileira (<http://www.aneel.gov.br/aplicacoes/capacidadebrasil/OperacaoCapacidadeBrasil.asp>). Essa última capacidade é na realidade compreendida principalmente por 6,3GW da parte do Paraguai na Itaipu Binacional, uma usina hidrelétrica que opera tanto no Brasil quanto no Paraguai, mas cuja produção é enviada quase que totalmente para a rede brasileira.

A metodologia aprovada AM0015 pede aos proponentes do projeto a se responsabilizar por “todas fontes geradoras servindo o sistema”. Deste modo, ao aplicar uma destas metodologias, os proponentes de projeto no Brasil devem procurar e pesquisar todas as plantas energéticas que servem o sistema brasileiro.

Na realidade, informações do tipo das fontes de geração não são publicamente disponíveis no Brasil. O centro de despacho nacional, ONS – Operador Nacional do Sistema – argumenta que tais informações de despacho são estratégicas para os agentes de energia e por isso não podem se tornar disponíveis. Por outro lado, a ANEEL, Agência Nacional de Energia Elétrica, fornece informações de capacidade energética e outros interesses legais do setor de eletricidade, mas nenhuma informação de despacho pode ser adquirida por esta entidade.

A respeito disto, os proponentes de projetos procuraram por uma solução plausível para tornar possível o cálculo do fator de emissão do Brasil com a melhor acurácia possível. Visto que dados de despacho real são necessários, a ONS foi contatada para que os participantes pudessem saber até que grau de detalhe as informações poderiam ser fornecidas. Depois de muitos meses de diálogo, a informação de despacho diário das plantas foi disponibilizada para os anos de 2002, 2003 e 2004.

Os proponentes de projeto, ao discutir a praticabilidade da utilização dos dados, concluíram que era a mais apropriada informação a ser considerada para determinar o fator de emissão da rede brasileira. De acordo com a ANEEL, de fato, a ONS centralizou as plantas de despacho estimadas em 75.547 MW de capacidade instalada em 31/12/2004, dentre o total de 98.848,5 MW instalados no Brasil na mesma data ([http://www.aneel.gov.br/arquivos/PDF/Resumo Gráficos mai 2005.pdf](http://www.aneel.gov.br/arquivos/PDF/Resumo_Gr%C3%A1ficos_mai_2005.pdf)), incluindo a capacidade disponível nos países vizinhos para exportar ao Brasil e plantas de emergência, que são despachadas somente nos períodos de limitações elétricas do sistema. Tal capacidade é na realidade constituída de plantas com capacidade instalada de 30 MW ou mais, conectadas ao sistema por linhas de energia de 138kV ou linhas de alta voltagem. Então, mesmo que o cálculo do fator de emissão não considere todas as fontes de geração que servem ao sistema, aproximadamente 76,4% da capacidade instalada que serve ao Brasil está sendo levada em consideração, o que é suficiente em vista das dificuldades de obtenção de informações de despacho no Brasil. Além disso, os 23,6% restantes são plantas que não tem despacho coordenado pela ONS, visto que: mesmo que elas operem com base nos acordos de compra os quais não estão sob controle das autoridades de despacho, ou estão localizadas em sistemas não interconectados aos quais a ONS tem acesso. Deste modo, esta parte não é passível de afetar os projetos de MDL, e esta é outra razão para que não seja levada em consideração na determinação do fator de emissão.

Na tentativa de incluir todas as fontes de geração, os desenvolvedores do projeto consideraram a opção de pesquisar por dados disponíveis, mas não oficiais para suprimir a lacuna existente. A solução encontrada foi a base de dados da Agência Internacional de Energia (AIE) criada para executar o estudo “Testes de Caminhos de Linhas de Base para Projetos de Mitigação de Gases de Efeito Estufa no Setor



de Energia Elétrica”, publicado em Outubro de 2002. Ao fundir os dados da ONS com os dados da AIE em uma planilha eletrônica, os proponentes do projeto tiveram a possibilidade de considerar todas as fontes de geração conectadas a redes relevantes para determinara o fator de emissão. O fator de emissão calculado foi mais conservador ao considerar apenas os dados da ONS, como é mostrada na tabela abaixo a margem de construção em ambos os casos.

Margem de Construção com fusão de dados da AIE/ONS (tCO <sub>2</sub> /MWh)	Margem de Construção com dados da ONS (tCO <sub>2</sub> /MWh)
0,205	0,1045

Então, considerando todos os argumentos explanados, os desenvolvedores do projeto decidiram pela base de dados que considera apenas os dados da ONS, e desta forma foi possível dirigir-se oportunamente ao caso da determinação do fator de emissão e fazê-lo da maneira mais conservadora.

Os dados de despacho horário reunidos mais recentemente recebidos pela ONS foram usados para determinar o fator lambda para cada um dos anos de dados disponíveis (2002, 2003 e 2004). A geração de baixo custo e despacho obrigatório foi determinada como a geração total menos a geração das plantas de geração térmica por combustível fóssil, esta última determinada por dados diários de despacho fornecidos pela ONS. Toda essa informação foi disponibilizada aos validadores e extensivamente discutida com eles, de maneira a tornar todos os pontos claros.

Nas páginas seguintes, um resumo das análises é fornecido. Primeiro, a tabela com as 130 plantas de despacho pela ONS é fornecida. Depois, uma tabela com as conclusões resumidas das análises, com o cálculo do fator de emissão mostrado. Finalmente, as curvas de duração de carga do sistema S/SE/CO são apresentadas.



# FORMULÁRIO DO DOCUMENTO DE CONCEPÇÃO DE PROJETO (MDL-DCP) - Versão 02



MDL – Conselho executivo

página 38

## Plantas de Despacho da ONS

Subsystem*	Fuel source**	Power plant	Operation start [2, 4, 5]	Installed capacity (MW) [1]	Fossil fuel conversion efficiency (%) [2]	Carbon emission factor (tCO <sub>2</sub> /t) [3]	Fraction carbon oxidized [3]	Emission factor (tCO <sub>2</sub> /MWh)	
1	S-SE-CO	H	Jauru	Sep-2003	121.5	1	0.0	0.0%	0.000
2	S-SE-CO	H	Gaúporé	Sep-2003	120.0	1	0.0	0.0%	0.000
3	S-SE-CO	G	Três Lagoas	Aug-2003	306.0	0.3	15.3	99.5%	0.670
4	S-SE-CO	H	Furnil (MG)	Jan-2003	180.0	1	0.0	0.0%	0.000
5	S-SE-CO	H	Itaipua I	Sep-2002	156.1	1	0.0	0.0%	0.000
6	S-SE-CO	G	Araucária	Sep-2002	484.5	0.3	15.3	99.5%	0.670
7	S-SE-CO	G	Canasvis	Sep-2002	180.6	0.3	15.3	99.5%	0.670
8	S-SE-CO	H	Pirajó	Sep-2002	81.0	1	0.0	0.0%	0.000
9	S-SE-CO	G	Nova Piratininga	Jun-2002	384.9	0.3	15.3	99.5%	0.670
10	S-SE-CO	O	PCT CGTEE	Jun-2002	5.0	0.3	20.7	99.0%	0.902
11	S-SE-CO	H	Rosas	Jun-2002	55.0	1	0.0	0.0%	0.000
12	S-SE-CO	G	Ibitiré	May-2002	226.0	0.3	15.3	99.5%	0.670
13	S-SE-CO	H	Caná Brava	May-2002	465.9	1	0.0	0.0%	0.000
14	S-SE-CO	H	Sta. Clara	Jan-2002	60.0	1	0.0	0.0%	0.000
15	S-SE-CO	H	Machadinho	Jan-2002	1,140.0	1	0.0	0.0%	0.000
16	S-SE-CO	G	Juiz de Fora	Nov-2001	87.0	0.26	15.3	99.5%	0.718
17	S-SE-CO	G	Macaé Merchant	Nov-2001	822.6	0.24	15.3	99.5%	0.837
18	S-SE-CO	H	Lajeado (ANEEL, res. 492/2001)	Nov-2001	932.9	1	0.0	0.0%	0.000
19	S-SE-CO	G	Eletrobrás	Oct-2001	379.0	0.24	15.3	99.5%	0.837
20	S-SE-CO	H	Porto Estrela	Sep-2001	112.0	1	0.0	0.0%	0.000
21	S-SE-CO	G	Cuiabá (Mário Covas)	Aug-2001	529.2	0.3	15.3	99.5%	0.670
22	S-SE-CO	G	W. Azeite	Jan-2001	194.0	0.25	15.3	99.5%	0.804
23	S-SE-CO	G	Uruguaiana	Jan-2000	639.9	0.45	15.3	99.5%	0.447
24	S-SE-CO	H	S. Cavais	Jan-1999	1,240.0	1	0.0	0.0%	0.000
25	S-SE-CO	H	Canasvis	Jan-1999	82.5	1	0.0	0.0%	0.000
26	S-SE-CO	H	Canasvis II	Jan-1999	72.0	1	0.0	0.0%	0.000
27	S-SE-CO	H	Igarapé	Jan-1999	210.0	1	0.0	0.0%	0.000
28	S-SE-CO	H	Porto Primavera	Jan-1999	1,540.0	1	0.0	0.0%	0.000
29	S-SE-CO	H	Cuiabá (Mário Covas)	Oct-1998	539.2	0.27	20.2	98.0%	0.878
30	S-SE-CO	H	Sobradinho	Sep-1998	60.0	1	0.0	0.0%	0.000
31	S-SE-CO	H	PCH EMARÉ	Jan-1998	26.0	1	0.0	0.0%	0.000
32	S-SE-CO	H	PCH CEZE	Jan-1998	25.0	1	0.0	0.0%	0.000
33	S-SE-CO	H	PCH ENERSUL	Jan-1998	43.0	1	0.0	0.0%	0.000
34	S-SE-CO	H	PCH CEB	Jan-1998	15.0	1	0.0	0.0%	0.000
35	S-SE-CO	H	PCH ESCOELSA	Jan-1998	62.0	1	0.0	0.0%	0.000
36	S-SE-CO	H	PCH CELESOP	Jan-1998	50.0	1	0.0	0.0%	0.000
37	S-SE-CO	H	PCH CEMAT	Jan-1998	145.0	1	0.0	0.0%	0.000
38	S-SE-CO	H	PCH CELG	Jan-1998	15.0	1	0.0	0.0%	0.000
39	S-SE-CO	H	PCH CELSU	Jan-1998	59.0	1	0.0	0.0%	0.000
40	S-SE-CO	H	PCH COPEL	Jan-1998	70.0	1	0.0	0.0%	0.000
41	S-SE-CO	H	PCH CEMIG	Jan-1998	84.0	1	0.0	0.0%	0.000
42	S-SE-CO	H	PCH CPFL	Jan-1998	55.0	1	0.0	0.0%	0.000
43	S-SE-CO	H	S. Maria	Jan-1998	1,275.0	1	0.0	0.0%	0.000
44	S-SE-CO	H	PCH EPAULO	Jan-1998	26.0	1	0.0	0.0%	0.000
45	S-SE-CO	H	Gulimam Amorim	Jan-1997	140.0	1	0.0	0.0%	0.000
46	S-SE-CO	H	Corumbá	Jan-1997	375.0	1	0.0	0.0%	0.000
47	S-SE-CO	H	Miranda	Jan-1997	468.0	1	0.0	0.0%	0.000
48	S-SE-CO	H	Novo Ponte	Jan-1994	510.0	1	0.0	0.0%	0.000
49	S-SE-CO	H	Segredo (Gov. Ney Braga)	Jan-1992	1,260.0	1	0.0	0.0%	0.000
50	S-SE-CO	H	Itaipuanu	Jan-1989	554.0	1	0.0	0.0%	0.000
51	S-SE-CO	H	Manoá	Jan-1988	210.0	1	0.0	0.0%	0.000
52	S-SE-CO	H	D. Francisca	Jan-1987	125.0	1	0.0	0.0%	0.000
53	S-SE-CO	H	Ita	Jan-1987	1,450.0	1	0.0	0.0%	0.000
54	S-SE-CO	H	Rosana	Jan-1987	369.0	1	0.0	0.0%	0.000
55	S-SE-CO	N	Angra	Jan-1985	1,874.0	1	0.0	0.0%	0.000
56	S-SE-CO	H	T. Imbós	Jan-1985	807.5	1	0.0	0.0%	0.000
57	S-SE-CO	H	Itaipu 50 Hz	Jan-1983	6,300.0	1	0.0	0.0%	0.000
58	S-SE-CO	H	Itaipu 50 Hz	Jan-1983	5,375.0	1	0.0	0.0%	0.000
59	S-SE-CO	H	Emborcação	Jan-1982	1,192.0	1	0.0	0.0%	0.000
60	S-SE-CO	H	Nova Avanhandava	Jan-1982	347.4	1	0.0	0.0%	0.000
61	S-SE-CO	H	Gov. Benedito Nunes - GBM	Jan-1980	1,676.0	1	0.0	0.0%	0.000
62	S-SE-CO	H	S. Santiago	Jan-1980	1,420.0	1	0.0	0.0%	0.000
63	S-SE-CO	H	Itumbiara	Jan-1980	2,280.0	1	0.0	0.0%	0.000
64	S-SE-CO	O	Igarapé	Jan-1978	131.0	0.3	20.7	99.0%	0.902
65	S-SE-CO	H	Itaipua	Jan-1978	912.4	1	0.0	0.0%	0.000
66	S-SE-CO	H	A. Vermelha (Jose E. Moraes)	Jan-1978	1,396.2	1	0.0	0.0%	0.000
67	S-SE-CO	H	S. Simão	Jan-1978	1,710.0	1	0.0	0.0%	0.000
68	S-SE-CO	H	Copacabana	Jan-1977	640.0	1	0.0	0.0%	0.000
69	S-SE-CO	H	S. Osório	Jan-1975	1,076.0	1	0.0	0.0%	0.000
70	S-SE-CO	H	Marimbondo	Jan-1975	1,440.0	1	0.0	0.0%	0.000
71	S-SE-CO	H	Promissão	Jan-1975	254.0	1	0.0	0.0%	0.000
72	S-SE-CO	C	Fres. Medici	Jan-1974	446.0	0.26	26.0	98.0%	1.294
73	S-SE-CO	H	Volta Grande	Jan-1974	380.0	1	0.0	0.0%	0.000
74	S-SE-CO	H	Porto Colômbia	Jun-1973	320.0	1	0.0	0.0%	0.000
75	S-SE-CO	H	Passo Fundo	Jan-1973	230.0	1	0.0	0.0%	0.000
76	S-SE-CO	H	Passo Real	Jan-1973	158.0	1	0.0	0.0%	0.000
77	S-SE-CO	H	Iha Solteira	Jan-1973	3,444.0	1	0.0	0.0%	0.000
78	S-SE-CO	H	Mascarenhas	Jan-1973	131.0	1	0.0	0.0%	0.000
79	S-SE-CO	H	Gov. Paroiz de Souza - GPS	Jan-1971	252.0	1	0.0	0.0%	0.000
80	S-SE-CO	H	Chavantes	Jan-1971	414.0	1	0.0	0.0%	0.000
81	S-SE-CO	H	Jaguara	Jan-1971	424.0	1	0.0	0.0%	0.000
82	S-SE-CO	H	Sã Gabriel	Apr-1970	78.0	1	0.0	0.0%	0.000
83	S-SE-CO	H	Estrela (Luz Carlos Barreto)	Jan-1969	1,050.0	1	0.0	0.0%	0.000
84	S-SE-CO	H	Ibitinga	Jan-1969	131.5	1	0.0	0.0%	0.000
85	S-SE-CO	H	Jupia	Jan-1969	1,351.2	1	0.0	0.0%	0.000
86	S-SE-CO	G	Altoona	Jan-1968	50.0	0.26	20.7	99.0%	1.040
87	S-SE-CO	G	Campos (Roberto Silveira)	Jan-1968	30.0	0.24	15.3	99.5%	0.837
88	S-SE-CO	G	Santa Cruz (RJ)	Jan-1968	766.0	0.31	15.3	99.5%	0.648
89	S-SE-CO	H	Parabuna	Jan-1968	85.0	1	0.0	0.0%	0.000
90	S-SE-CO	H	Limoeiro (Armando Salles de Oliveira)	Jan-1967	32.0	1	0.0	0.0%	0.000
91	S-SE-CO	H	Caconde	Jan-1966	80.4	1	0.0	0.0%	0.000
92	S-SE-CO	C	J. Lacerda C	Jan-1965	363.0	0.25	26.0	98.0%	1.345
93	S-SE-CO	C	J. Lacerda B	Jan-1965	232.0	0.21	26.0	98.0%	1.802
94	S-SE-CO	C	J. Lacerda A	Jan-1965	232.0	0.18	26.0	98.0%	1.869
95	S-SE-CO	H	Barão (Alvaro de Souza Lima)	Jan-1965	143.1	1	0.0	0.0%	0.000
96	S-SE-CO	H	Furnil (RJ)	Jan-1965	216.0	1	0.0	0.0%	0.000
97	S-SE-CO	C	Piquara	Jan-1963	20.0	0.3	26.0	98.0%	1.121
98	S-SE-CO	H	Furnas	Jan-1963	1,216.0	1	0.0	0.0%	0.000
99	S-SE-CO	H	Barra Bonita	Jan-1963	140.8	1	0.0	0.0%	0.000
100	S-SE-CO	C	Chapadão	Jan-1962	72.0	0.23	26.0	98.0%	1.462
101	S-SE-CO	H	Jurumirim (Amaro A. Layden)	Jan-1962	97.3	1	0.0	0.0%	0.000
102	S-SE-CO	H	Jacui	Jan-1962	180.0	1	0.0	0.0%	0.000
103	S-SE-CO	H	Perera Passos	Jan-1962	99.1	1	0.0	0.0%	0.000
104	S-SE-CO	H	Tres Marias	Jan-1962	326.0	1	0.0	0.0%	0.000
105	S-SE-CO	H	Eucíliades da Cunha	Jan-1960	108.8	1	0.0	0.0%	0.000
106	S-SE-CO	H	Camargos	Jan-1960	46.0	1	0.0	0.0%	0.000
107	S-SE-CO	H	Santa Branca	Jan-1960	56.0	1	0.0	0.0%	0.000
108	S-SE-CO	H	Caçoieira Dourada	Jan-1959	558.0	1	0.0	0.0%	0.000
109	S-SE-CO	H	Safo Grande (Lucas N. Garcez)	Jan-1958	70.0	1	0.0	0.0%	0.000
110	S-SE-CO	H	Safo Grande (MG)	Jan-1956	102.0	1	0.0	0.0%	0.000
111	S-SE-CO	H	Mascarenhas de Moraes (Rovato)	Jan-1956	478.0	1	0.0	0.0%	0.000
112	S-SE-CO	H	Itutinga	Jan-1955	52.0	1	0.0	0.0%	0.000
113	S-SE-CO	C	S. Jerônimo	Jan-1954	20.0	0.26	26.0	98.0%	1.294
114	S-SE-CO	C	Canadá	Jan-1954	36.2	0.3	20.7	99.0%	0.902
115	S-SE-CO	C	Piratininga	Jan-1954	472.0	0.3	20.7	99.0%	0.902
116	S-SE-CO	H	Canastra	Jan-1953	42.5	1	0.0	0.0%	0.000
117	S-SE-CO	H	Nilo Peçanha	Jan-1953	378.4	1	0.0	0.0%	0.000
118	S-SE-CO	H	Fortes Novos	Jan-1950	130.3	1	0.0	0.0%	0.000
119	S-SE-CO	H	Henry Borden Sub.	Jan-1926	420.0	1	0.0	0.0%	0.000
120	S-SE-CO	H	Henry Borden Ext.	Jan-1926	469.0	1	0.0	0.0%	0.000
121	S-SE-CO	H	I. Pombos	Jan-1924	189.0	1	0.0	0.0%	0.000
122	S-SE-CO	H	Jaguari	Jan-1917	115.8	1	0.0	0.0%	0.000
<b>Total (MW) =</b>				<b>64,476.6</b>					

\* Subsystem S - south, SE-CO - Southeast Mid-west  
 \*\* Fuel source (C, bituminous coal; D, diesel oil; G, natural gas; H, hydro; N, nuclear; O, residual fuel oil)  
 [1] Agência Nacional de Energia Elétrica, Banco de Informações da Geração (http://www.aneel.gov.br/, data collected in november 2004)  
 [2] Bost, M., R. Lawrence, P. Haddad, R. Schaeffer, A. S. Soares, H. Weller and J.M. Luksemb. Road testing baseline for GHG emission projects in the electric power sector. OECD/IEA emission paper, October 2002.  
 [3] Intergovernmental Panel on Climate Change, Revised 1996 Guidelines for National Greenhouse Gas Inventories.  
 [4] Operador Nacional do Sistema Elétrico, Centro Nacional de Operação do Sistema, Acompanhamento Diário da Operação do SIN (daily reports from Jan. 1, 2001 to Dec. 31, 2003).  
 [5] Agência Nacional de Energia Elétrica, Superintendência de Fiscalização dos Serviços de Geração, Resumo Geral dos Novos Empreendimentos de Geração (http://www.aneel.gov.br/, data collected in november 2004)

Este modelo não deve ser alterado. Deve ser preenchido sem modificações/ adição de cabeçalhos ou logomarca, formato ou fonte.



Tabela Resumo

Fatores de emissão para o sistema interligado Sul-Sudeste-Centro-oeste				
Linha de base (incluindo importação)	$EF_{OM}$ [tCO <sub>2</sub> /MWh]	Carga [MWh]	LCMR [GWh]	Importações [MWh]
2002	0,8504	275.402.896	258.720	1.607.395
2003	0,9378	288.493.929	274.649	459.586
2004	0,8726	297.879.874	284.748	1.468.275
<b>Total (2001-2003) =</b>		<b>861.776.699</b>	<b>818.118</b>	<b>3.535.256</b>
	$EF_{OM, simples-ajustada}$ [tCO <sub>2</sub> /MWh]	$EF_{BM 2004}$	Lambda	
	0,4310	0,1045	$\lambda_{2002}$	
	<b>Pesos alternativos</b>	<b>Pesos padrão</b>	0,5053	
	$W_{OM} = 0,75$	$W_{OM} = 0,5$	$\lambda_{2003}$	
	$W_{BM} = 0,25$	$W_{BM} = 0,5$	0,5312	
	$EF_{CM}$ [tCO <sub>2</sub> /MWh]	<b>Padrão <math>EF_{OM}</math></b> [tCO <sub>2</sub> /MWh]	$\lambda_{2004}$	
	0,3494	0,2677	0,5041	

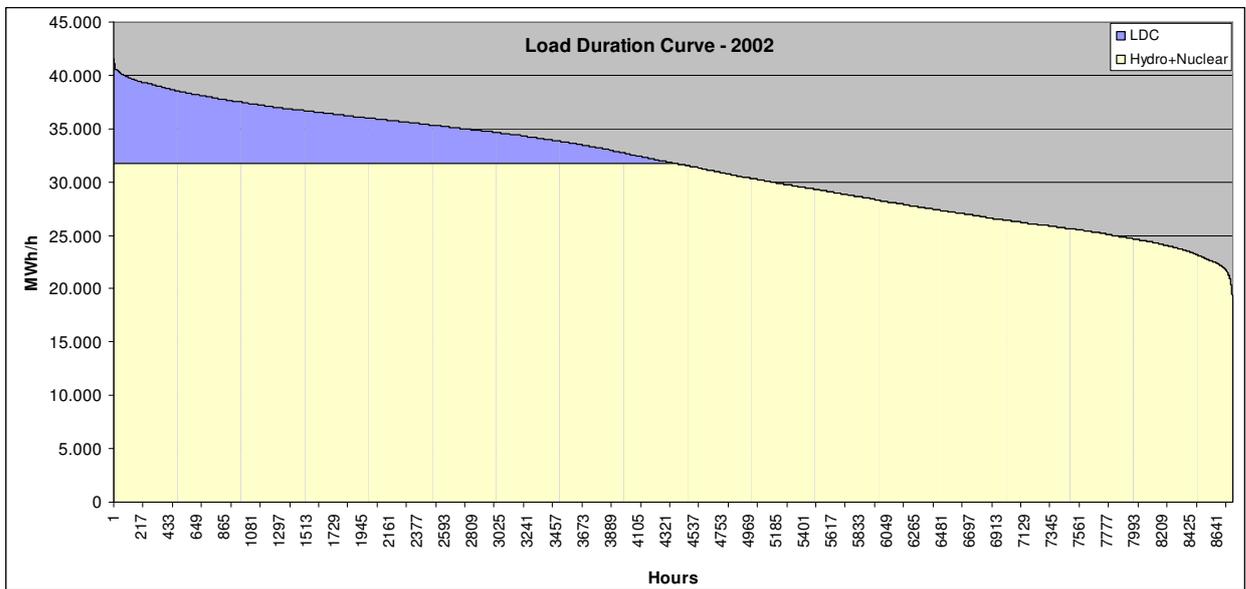


Figura 3: Curva de duração de Carga para o sistema S/SE/CO, 2002

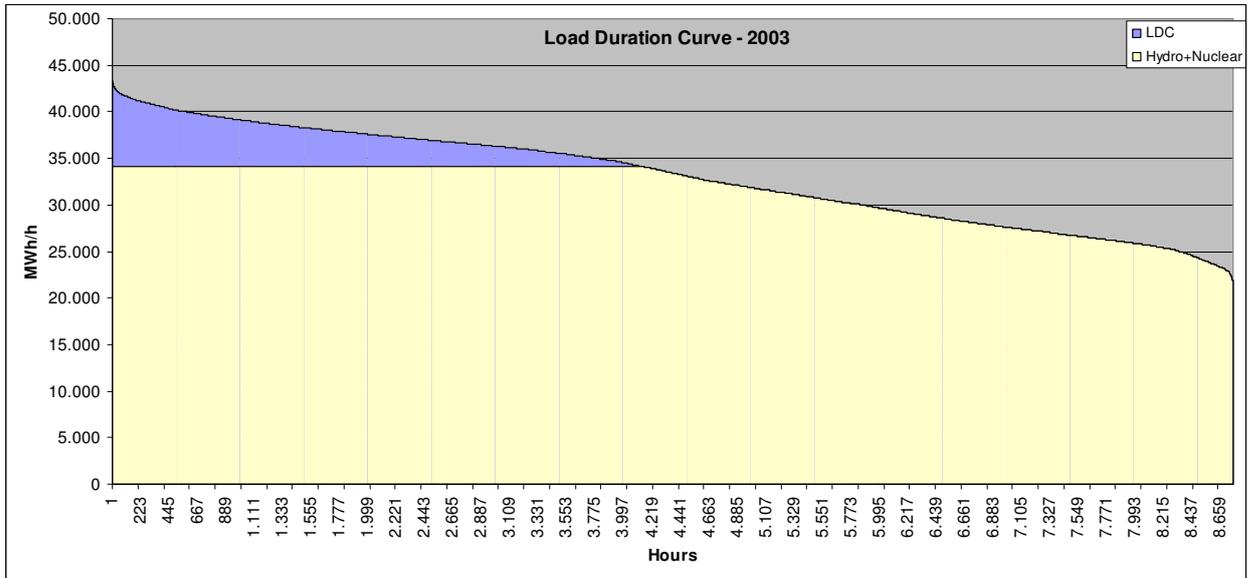


Figura 4: Curva de duração de Carga para o sistema S/SE/CO, 2003

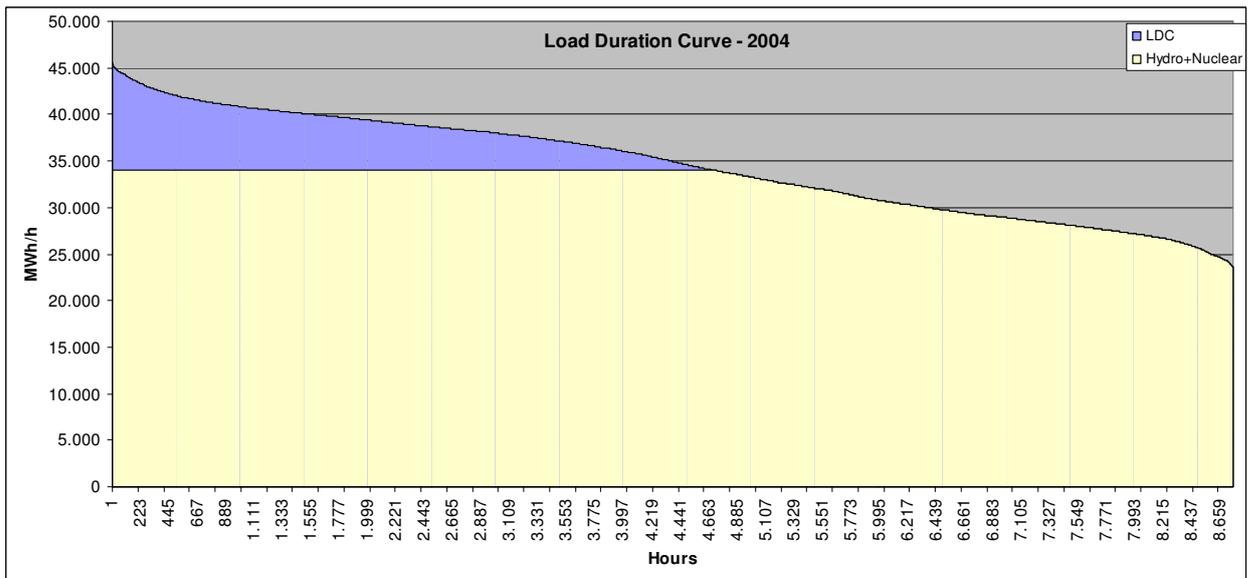


Figura 5: Curva de duração de Carga para o sistema S/SE/CO, 2004



FORMULÁRIO DO DOCUMENTO DE CONCEPÇÃO DE PROJETO  
(MDL-DCP) - Versão 02



MDL – Conselho executivo

página 41

Projeto de Cogeração com Bagaço Delta (PCBD)											
Reduções de emissão devido à cogeração (rede conectada)	Item	Antes 2001	Fase 1 2002	Fase 2 2003	2004	2005	2006	2007	2008	Total RCEs	
	Capacidade total instalada (MW)	15	15	30	30	30	30	30	30	30	
	Capacidade Stand by (MW)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
	Consumo interno (MW)	8,5	9,5	10	11	11	11	11	11	11	
	Capacidade disponível para venda (MW)	0	5,5	20	19	19	19	19	19	19	
	Horas de operação (h)	3.590	3.833	4.288	4.580	4.500	4.500	4.500	4.500	4.500	
	Energia estimada para ser vendida à rede (MWh)	0	17.971	42.991	40.768	42.000	42.000	42.000	42.000	42.000	
	Fator de emissão da linha de base (tCO <sub>2</sub> /MWh)	0,2677	0,2677	0,2677	0,2677	0,2677	0,2677	0,2677	0,2677	0,2677	
	<b>Reduções de emissão (tCO<sub>2</sub>e) devido à cogeração</b>	<b>0</b>	<b>4.811</b>	<b>11.509</b>	<b>10.914</b>	<b>11.243</b>	<b>11.243</b>	<b>11.243</b>	<b>11.243</b>	<b>11.243</b>	<b>72.207</b>
Projeto de Cogeração com Bagaço Volta Grande (PCBVG)											
Reduções de emissão devido à cogeração (rede conectada)	Item	Antes 2001	Início 2002	Fase 1 2003	2004	2005	Fase 2 2006	2007	2008	Total RCEs	
	Capacidade total instalada (MW)	9	9	25	25	25	55	55	55		
	Capacidade Stand by (MW)	0	0	0	0	0	0	0	0		
	Consumo interno (MW)	2,8	5,6	7,5	8	8,5	19	19	19		
	Capacidade disponível para venda (MW)	0	3,4	17,5	17	16,5	36	36	36		
	Horas de operação (h)	3.214	3.398	4.309	4.523	4.500	4.500	4.500	4.500		
	Energia estimada para ser vendida à rede (MWh)	0	10.873	29.614	30.958	34.800	139.000	139.000	139.000		
	Fator de emissão da linha de base (tCO <sub>2</sub> /MWh)	0,2677	0,2677	0,2677	0,2677	0,2677	0,2677	0,2677	0,2677	0,2677	
	<b>Reduções de emissão (tCO<sub>2</sub>e) devido à cogeração</b>	<b>0</b>	<b>2.911</b>	<b>7.928</b>	<b>8.287</b>	<b>9.316</b>	<b>37.210</b>	<b>37.210</b>	<b>37.210</b>	<b>37.210</b>	<b>140.073</b>
<b>Total de reduções de emissão de 2002-2008 (tCO<sub>2</sub>e)</b>			<b>7.722</b>	<b>19.436</b>	<b>19.201</b>	<b>20.559</b>	<b>48.454</b>	<b>48.454</b>	<b>48.454</b>	<b>212.280</b>	

\*Admite-se que o primeiro período de créditos será considerado de 15 de Junho de 2002 a 15 de Junho de 2009. Entretanto, a tabela acima não considera o ano 2009 devido às incertezas sobre o início da época de colheita, quando a eletricidade gerada pelo sistema de cogeração tornou-se operacional.

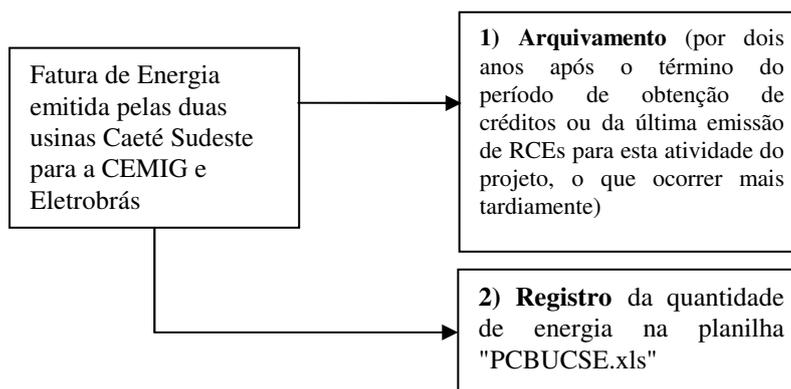
Tabela 4. Dados do Projeto de Cogeração com Bagaço Delta e Volta Grande (PCBD/PCBVG)

**Anexo 4**



## PLANO DE MONITORAMENTO

De acordo com a seção D deste documento, a única variável a ser monitorada nesta atividade de projeto é a quantidade de energia das duas usinas Caeté sudeste (Delta e Volta Grande) despachada a rede, do ano de 2002 até o término do último período de obtenção de créditos. O monitoramento será feito da seguinte maneira:



**Figura 6: Procedimentos de monitoramento para PCBUCSE**

A quantidade de energia despachada para a rede será monitorada através da fatura de energia emitida pelas duas usinas Caeté Sudeste para CEMIG e ELETROBRÁS, distribuidores de energia. O arquivamento será mantido por dois anos após o término do período de obtenção de créditos ou da última emissão de RCEs para esta atividade de projeto, o que ocorrer mais tardiamente. A quantidade de energia será registrada na planilha “PCBUCSE.xls”, que deve ser instrumento de verificação futura.